LISBOA — QUINTA-FEIRA, 28 DE ABRIL DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 19 — 10 CENTAVOS

Telefone 5213 (C.) — Endereço telegrafico DIBOA

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção e Administração
RUA DO CARMO, 90, 2.º
Composição: R. do Mundo, 57. Impressão: R. da Atalaia, 114

NO Congresso dos Sindicatos em Coimbra, um orador sustentou que, para valorizar a nossa moeda, temos de desenvolver a agricultura. E' precisamente o contrario do que ha dias disse um economista—«valorizando a moeda para depois criarmos o nosso futuro agricola».

Em que ficamos?

Pela nossa parte propomos que se mandem as moedas aos agricultores e os frutos da terra aos economistas, a ver se assim entramos num periodo de abundancia, comendo diariamente as contradições dos doutrinarios.

* * *

NO largo das Duas Igrejas, dois homens do povo encontraram-se, um empurrando um carro de mão, o outro trazendo ás costas um fardo. Como pessoas que se detestam, trocaram algumas insolencias. Podendo esmurrar-se mui tranquilamente, não quiseram. Seguiu cada qual o seu caminho. E á medida que se distanciavam, engrossavam a voz, rugiam ameaças e palavrões um contra o outro.

Seriam dois cobardes?

Com certeza que não: ofereciam antes o aspecto de criaturas que andam experimentando as sonoridades de um vocabulario, que o Chiado tem de aprender.

* * *

Na quarta pagina, porque a paginação especial do «Diario de Lisboa» nos obriga a respeitar formulas invariaveis, publicamos uma carta do ilustre poeta Afonso Lopes Vieira ácerca da intervenção de Portugal na guerra.

* * *

COIMBRA, a que as greves academicas e não academicas, começam a dar um ar tempestuoso, vai entrar num periodo de sacrilegas demolições. O seu municipio ameaça já deitar a terra o Arco de Almedina—que bela invenção moirisca! — a fim de fazer desaparecer da linda cidade um dos trechos mais emotivos do seu pitoresco.

Trindade Coelho, numa carta que ontem publicou na «Patria», com todo o prestigio da sua prosa e do seu amor a Coimbra, já formulou o seu protesto. Outras vozes vão seguir o seu exemplo.

Coimbra é tão querida em todo o país, as suas paisagens vivem tanto na saudade de nós todos, que calculamos que a sua camara hesitará em consumar um proposito tão vandalico.

* * *

O SR. dr. Bernardino Machado traz toda a politica portuguesa dentro do seu chapeu. E' por este motivo que o nosso simpatico presidente conserva agora a cabeça veneranda quasi sempre coberta. Faz venias e isso lhe basta para orientar a nau do Estado. Se Lloyd George conhecesse o segredo...

* * *

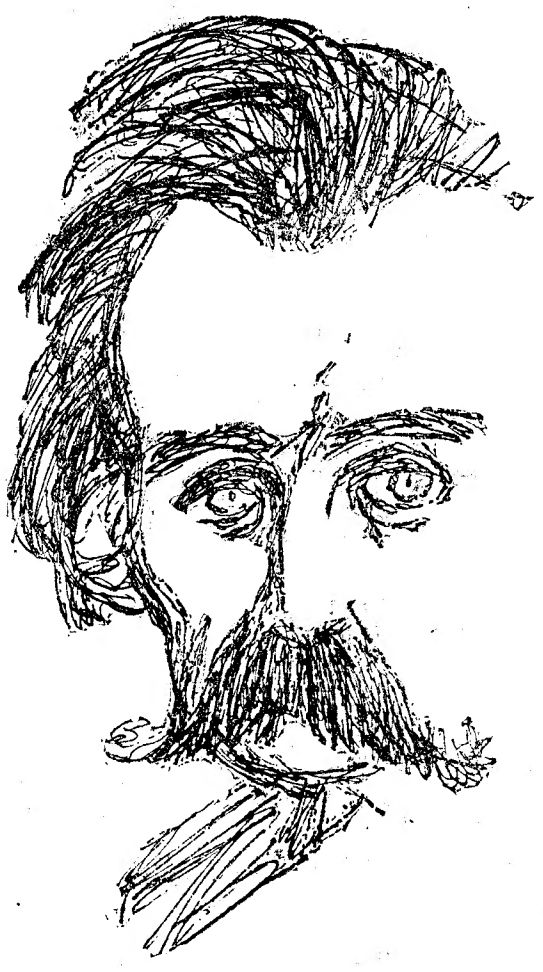
SEGUNDO conta um jornal da manhã, a nossa Academia das Sciencias apreciou ontem Fernão de Magalhães sob varios aspectos scientificos. Estudar o grande navegador do seculo XVI, sob varios aspectos, embora todos scientificos, é um processo tão do nosso tempo, que ficamos desconfiados que ha de resultar mais trabalhoso que circunavegar a terra, aplicado, sobretudo, a um homem que por ter um só aspecto, sofreu varios desgostos.

Camilo Castelo Branco

Na formosa vila de Famalicão, o culto de Camilo é mantido como um preito supremo á gloria dum escritor cuja obra se sitúa a dentro das fronteiras das letras patrias, como um formidavel grito de amargura, entrecortado de ironias e sarcasmos, que a Beleza e a Paixão sagraram já como uma grande conquista da raça.

Uma comissão de ilustres famalicences, presidida pelo sr. José de Azevedo e Menezes, acaba de publicar um livro—*Camilo homenageado*, que é com certeza um dos primeiros grandes actos de reconhecimento, entre os muitos que o país deve ao Mestre.

Nele encontramos uma copia da carta que Camilo Castelo Branco dirigiu ao rei D. Luís, quando foi agraciado com o titulo de visconde. Oferecemos esta rara joia aos 1 itores do *Diario de Lisboa*. Trata-se dum documento lapidar, inspirado em sentimentos duma alta distin 'bem portuguesa e bem camiliana.



(*Desenho de Antonio Soares*)

A alma de Camilo palpita rutila, nesta carta, mostrando-se, na verdade da sua tortura, entre luminosa e tragica, ora crente, ora descrente, ora revolta, ora submissa.

Dela se deduz que o Mestre, que tão duramente apreciou os varões notaveis do constitucionalismo, não perdeu jámais a sua fidelidade ao rei.

Que os nossos leitores leiam esta carta como quem sente erguer-se, diante dos seus olhos deslumbrados, um homem que de tanto engrandecer a Patria se tornou uma das expressões mais nobres no nosso Sentimento e Paixão.

Meu Senhor

Se eu tivesse a consciencia das minhas ultimas horas de vida, sentiria magoa acerba de morrer sem que Vossa Magestade houvesse concedido uma prova de estima á minha longa e despremiada tarefa litteraria de 40 anos.

Eu morreria queixoso de V. M., se nos paroxismos da morte ainda cabem vaidades e resentimentos. Morreria queixoso, porque V. M. é um rei ilustrado, é um erudito, é um escriptor; e, se um soberano em condições quasi excepcionaes, não tinha visto em mim um relevo que me enaltecesse de entre o vulgo dos fanqueiros da pena, ser-me-hia forçoso duvidar do meu merecimento, por não poder duvidar da comprehensão ilustre e da critica luminosa de V. M.

Nobilitou-me V. M. justamente quando a minha peregrinação está no derradeiro dia. Já me não vale o galardão como incentivo para atingir pontos culminantes onde chega o talento animado por um Rei que dá exemplo aos que trabalham por amor ás lettras, ou por necessidade de as cultivar, como quem grangeia uma charneca esteril. Morro, porém, contente, Senhor, porque o nome de V. M. fica vinculado á minha obra, pelo testimunho que a mercê concedida por V. M. lhe assinala em valor e duração. Além de que, a munificencia regia que me engrandeceu jámais será acoimada de iniqua, visto que, abaixo de V. M. se ouviram aplausos e ovações que eu nunca experimentaria, se El-Rei os não hovesse promovido.

Devendo tanto a V. M. deploro que a doença me não permita a suprema honra de beijar a mão de V. M. e balbuciar as expressões da minha indelevel gratidão.

De V. M.
ubdito venerador e humilde creado,
Camillo Castelo Branco

RETRATANDO á pena o «Diario de Lisboa», em amaveis linhas que nos desvanecem, J. David Airada, espirituoso habitante do «Beco do Faia-Só», pede-nos, por intermedio do nosso presado colega «O Correio da Manhã», que lhe indiquemos o nome do funcionario que vende guias para aquisição de azeite.

Tão precisados como J. David Airada, andamos nós duns modestos litros do precioso liquido.

Por nossa fé juramos, obsequiá-lo gostosamente com tão valiosa informação logo que a possuirmos detalhadamente.

O azeite, como a verdade, deve andar sempre ao lume de agua. E porque assim o entendemos, beliscámos ao de leve o assunto, sem a minima intenção de avinagrá-lo. Fê-lo talentosamente J. David Airada.

E é bem possivel que desta feita o comissariado dos abastecimentos se resolva a temperar a sua acidez, concedendo-lhe a tal autorização para os cincoenta litros.

Que nessa altura não esqueça o impenitente humorista, a promessa das duas garrafinhas...

* * *

CONTINUAM os comentarios sobre o discurso do sr. Afonso Costa, na Batalha. Amigos e inimigos discutem-no sem cansaço. O sr. Afonso Costa está longe. Quando ele regressar, é possivel que haja um momento de silencio para que outro discurso seu gere nova tormenta. Todas as nossas tempestades cabem num copo de agua.

* * *

AO ministro do Comercio tem sido solicitada de diversos distritos a construção e reparação de estradas.

O sr. dr. Antonio da Fonseca não tem atendido esses pedidos por estar aguardando a aprovação de uma proposta de lei que ha muito está na mesa do Senado para ser discutida.

Ocorre-nos perguntar se quando lhe chegar a vez de entrar em discussão ainda haverá um palmo de estrada em Portugal

Porque o que é certo é que a falta de estradas transitaveis se faz sentir muito mais do que a falta de discussões — que quasi nunca passam de tortuosos becos sem saída.

* * *

O BOLCHEVISMO russo, fonte de extraordinarias surprezas e por vezes de não menos extraordinarias atoardas, virou de pernas para o ar a sociedade do extremo oriental da Europa.

A acreditar nas informações dos jornais estrangeiros os capitalistas passaram a pedir esmola e os nobres transformaram-se em plebeus.

Assim, a princeza Galitzia é «camarera» de café-concerto; o general Mislachevsky, moço de fretes; o principe Bourbissen, cortador de carnes e um filho de Stronner engraxador.

O portuguesinho que tantos exemplos tem dado ao mundo, mais uma vez demonstra aos inovadores russos que em materia de novidades lhe não leva a palma.

Não temos nós aí deslumbrado as gentes com o oiro da sua farda, um almirante que vende cautelas?

E não é russo e alcunha-se modestamente de cauteleiro fardado...

NA CIDADE DO MONDEGO

O congresso agricola

"O que se está fazendo, satisfaz a exigencia nacional" — diz o sr. Tiago Sales — "Precisamos arrancar do nosso solo, alguma coisa que representa oiro" diz o sr. Bento Carqueja

(Do nosso enviado especial)

COIMBRA, 27.—Pormenoriso o meu telegrama. A 1.ª sessão do Congresso Agricola não teve a concorrencia que se esperava. E' possivel que cheguem hoje mais congressistas para assistir á continuação dos trabalhos. O sr. dr. Tiago Sales, no seu discurso de abertura, declarou que numa epoca de interesses inconfessaveis consola ver esta legião de obreiros trabalhando pelo bem da sua patria.

«Não é um sacrificio aquilo que estamos fazendo — diz o orador — porque satisfaz uma exigencia nacional».

O sr. dr. Julio Henriques, que foi calorosamente saudado pela assembleia, lembrou a grande utilidade de o ensino agricola ser ministrado, pelo menos nos seus principios elementares, pelo professor primario. Preconisou a realização da festa da arvore, a bem da arborização do país.

Foi lida e aprovada uma moção do sr. dr. Tiago Sales, no sentido de se elevar ao maximo a nossa produção cerealifera.

O telegrama de saudação á C. G. T., que havia sido proposto por um congressista, foi rejeitado.

O sr. dr. José Ferreira informou que ha em Portugal cerca de 200 associações de agricultura, representando mais de 100.000 associados.

A imprensa foi muito saudada por alguns oradores, que salientaram o desleixo a que os governos votaram a nossa agricultura, quando tinham obrigação de olhar por ela com o respeito e o carinho que são devidos a quem trabalha honestamente.

O sr. Luís Mendes, de Tomar, propõe que seja votada uma moção saudando o cavador ignorado, que é afinal o parente mais proximo do soldado desconhecido.

Começa em seguida a defesa da 1.ª tese, apresentada pelo sr. dr. José Ferreira, sobre «Tabelamento dos generos de primeira necessidade e crise de transportes». O orador declara que se tem abusado entre nós do tabelamento. Defende a mais ampla liberdade de comercio, com o estabelecimento de preços minimos para os generos de primeira necessidade.

A 2.ª sessão

O Brasil ha de ser sempre o prolongamento da Patria Portuguesa — diz o sr. Bento Carqueja

A' segunda sessão presidiu o sr. Bento Carqueja, que se congratulou pelo entusiasmo que mostram os congressistas na solução dos graves problemas do momento. E' necessario produzir mais debaixo do ponto de vista agricola. O Conselho Fiscalizador de Cambios e o Consorcio Bancario não passaram de absurdos scientificos.

Precisamos arrancar do nosso solo—diz o orador—alguma coisa que representa oiro. Ao mesmo tempo, é preciso respeitar as leis que a sciencia estabeleceu, porque só assim caminharemos direito e seguro. Estamos aqui a fazer uma obra de solidariedade nacional—declara—e, referindo-se ao Brasil afirma que ha de ser sempre o prolongamento da Patria Portuguesa.

O sr. dr. Tiago Sales, que se tinha ausentado para ir receber o sr. ministro dos estrangeiros, usa novamente da palavra, declarando que é preciso forçar os governos a seguirem por caminho inteiramente diverso daquele que têm seguido até hoje. Lê uma moção que concretiza a sua maneira de ver sobre estradas e caminhos de ferro. Foi aprovada.

Quando o sr. Miranda Barbosa começava a defender a sua tese «Exportação de vinhos para o Brasil», entraram na sala os srs. ministros dos estrangeiros e da marinha, tomando o primeiro a presidencia. O sr. Bento Carqueja saúda os representantes do governo, esperando que sejam os arautos desta causa do progresso agricola, em que todos estão empenhados.

O sr. Tiago Sales admira-se da presença dum membro do governo

O sr. dr. Tiago Sales diz, em frente do sr. ministro dos estrangeiros, que a presença dos membros do governo lhe causa certo pasmo, tal é o desleixo que tem havido por parte dos governos na solução do problema agricola. A nossa crise vinicola agravou-se, quando a França, considerando-nos como adversarios e não como amigos, proibiu a entrada dos nossos vinhos licorosos no seu territorio.

O sr. ministro dos estrangeiros dirige á assembleia as saudações do sr. presidente do ministerio e do govêrno, que vota a este congresso todas as simpatias. Não vem aqui penitenciar-se de erros que não cometeu e sem direito ao respeito e consideração dos que o escutam. O motivo porque não foram ainda resolvidos os problemas a que se referiu o sr. Tiago Sales é devido apenas á nossa situação politica interna. Como ministro da Republica tem feito todos os esforços para os resolver a contento do país. (Aplaudem as ultimas bancadas).

Não tem descurado o problema dos vinhos e entende que não se deve fazer o tratado do comercio com a França, enquanto ela não abolir a proibição da entrada dos nossos vinhos. E' nesse sentido que tem enviado instruções ao nosso ministro em Paris. A França, por sua vez, pede que se baixem as tarifas sobre os generos de importação francesa em Portugal. Ele, ministro, tem pedido, tem instado, tem ameaçado e, por enquanto, nada se conseguiu ainda.

Um congressista:—E' efectivar as ameaças.

O sr. ministro dos estrangeiros:—Se v. ex.ª ocupasse o meu lugar, não pensaria assim.

Vão ser adoptadas represalias aos produtos franceses

Continua as suas considerações declarando que Portugal vêr-se-ha na necessidade de adoptar represalias em relação aos produtos franceses. Tira alguns papeis da pasta e lê um telegrama do nosso ministro em Paris, que diz em resumo o seguinte:

«Recebi ordem de v. ex.ª para pedir a livre entrada dos vinhos portugueses em França, contra a entrada de produtos franceses em Portugal, sem base vinculada num acordo comercial. Ocupei-me do assunto e dada a nossa politica comercial amigavel com a França, aguardo novas ordens.»

A despeito das nossas excelentes relações politicas com a França—continuou o sr. Domingos Pereira—teremos de adoptar uma atitude energica. E' preciso estabelecer primeiro a solidariedade nacional, sem a qual os governos não podem viver.

O país não estimula o governo, o que dá motivo a julgar-se que o governo não representa a opinião do país. Em relação á entrada dos vinhos portugueses em França, espera receber em breve noticias satisfatorias. Quando lhe puseram o problema, não via vantagem no envio de uma missão a França para estudar o assunto, mas não se opunha a que ela partisse. Essa missão vai partir, o governo dará de boa vontade todas as facilidades aos consumidores.

O comercio entre Portugal e a Noruega

Reclama-se ainda que seja renunciado o acordo comercial entre o nosso país e a Noruega. Parece-lhe que não chegou ainda a hora de fazer essa renuncia. E' de opinião que proibindo a entrada em Portugal do bacalhau norueguês, o bacalhau de outras procedencias aumentaria de preço e as responsabilidades da carestia serão atribuidas ao governo.

No dia 4 de Maio—diz—vem a Lisboa o barão Webel, ministro da Noruega em Paris, que lhe pediu para nada resolver sobre o aasunto sem ele vir.

Quando terminou as interessantes declarações que extratamos rapidamente, o sr. ministro dos estrangeiros foi aplaudido por quasi toda a assembleia, que se levantou. Ouviu-se um viva á Republica.

O sr. Tiago Sales agradece ao ministro a gentileza que teve, desenvolvendo o assunto perante o Congresso.

Nesta altura, entram na sala os ministros da Inglaterra, America e Chile. O sr. dr. Tiago Sales levanta vivas á Inglaterra, á America e ao Chile. Os representantes estrangeiros são acolhidos por uma calorosa salva de palmas.

O sr. ministro da America, que traz uma gravata vermelha, exclama: Viva Portugal!

Os visitantes retiram-se em seguida, depois de o sr. Bento Carqueja ter pronunciado breves palavras de saudação.

O sr. Miranda Barbosa continuou a defender a sua tese, falando sobre a necessidade que o governo tem de vigiar a exportação dos nossos vinhos, para que não sejam falsificados. Travou-se discussão sobre a tese, sendo aprovada com uma pequena emenda.

O sr. Botelho Moniz ocupa-se, em seguida, da «vida cara», defendendo a sua tese, sobre que se travou discussão.

A sessão foi encerrada ás 19 horas, tendo-se aprovado varios telegramas de saudação.

Fernão de Magalhães

Comemorando o 4.º centenario da morte do grande navegador, realiza-se uma sessão solene na Sala dos Capelos, com a assistencia de dois ministros e do corpo diplomatico

COIMBRA, 27.—Chegaram a esta cidade os srs. ministros dos estrangeiros e da marinha, e corpo diplomatico, á excepção dos representantes do Brasil, Argentina, Alemanha e Holanda, que vieram assistir á comemoração do 4.º eentenario de Fernão de Magalhães. Na estação nova tiveram uma recepção muito afectuosa, por parte do elemanto civil e militar. Fazia a guarda de honra uma companhia de infantaria da Guarda, com a respectiva banda. Organizou-se um cortejo a caminho da Camara Municipal, onde o presidente deu as boas vindas aos ilustres visitantes. que se dirigiram em seguida para a Associação Comercial, onde se estava realizando o Congresso Agrícola e depois para a Universidade. Na sala dos Capelos realizou-se uma sessão solene de comemoração do 4.º centenario do grande navegador português Fernão de Magalhães.

A' entrada dos membros do governo e corpo diplomatico na sala dos Capelos, uma banda tocou *A Portuguesa*, abrindo o acompanhamento os archeiros da Universidade, uniformisados. Presidiu á sessão o sr. ministro da marinha, que tinha á sua direita o reitor da Universidade, ministro dos estrangeiros e corpo diplomatico e á esquerda os srs. drs. Costa Lobo, Gomes Teixeira, Ernesto de Vasconcelos e Henrique Lopes de Mendonça.

Assistiram á cerimonia, além de muitos professores da Universidade, a sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcelos e dr. José Leite de Vasconcelos. Não havia na sala uma unica capa de estudante.

O deputado socialista sr. Ladislau Batalha não se sentia á vontade naquele meio.

Entre amigos, tem esta frase, criticando as vestimentas dos lentes:

—Isto já não é para o nosso tempo. Parece Carnaval...

Dentro da teia, estavam tambem o pintor sr. Alberto de Sousa e o escritor e arqueologo sr. Matos Sequeira. O sr. Bispo Conde assistiu de uma galeria,

Abriu a sessão o sr. dr. Oliveira Guimarães, que salientou a necessidade de votar um culto acrisolado aos homens grandes que morreram, traçando o perfil do navegador Fernão de Magalhães.

O sr. dr. Costa Lobo, director do Instituto de Coimbra, leu um telegrama do chefe do Estado, que não poude comparecer ao acto por motivo de doença.

O sr. Fernando Brederode, ministro da marinha, lê em seguida uma extensa exposição, em que se fala de Fernão de Magalhães e do ciclo historico das descobertas.

Emquanto o sr. ministro da marinha lia o seu discurso, desmaiou um archeiro que se conservava de pé á 'entrada da teia, sendo prontamente socorrido. O sr. Fernando Brederode narra a maneira como Fernão de Magalhães passou para Castela, a cem réis mensais de moradia, e ali se pôs ao serviço do rei.

Terminado o seu longo discurso, a banda tocou o Hino Academico, que foi ouvido de pé.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Henrique Lopes de Mendonça, que falou em nome da Academia de Sciencias de Lisboa.

O sr. Ernesto de Vasconcelos representou a Sociedade de Geografia e o sr. dr. Gomes Teixeira a Universidade do Porto.

Falaram ainda os srs. dr. Fortunato de Almeida e general Brás Mousinho de Albuquerque, que representava a Academia de Sciencias de Portugal.

Seguidamente, a banda de musica tocou os hinos das nações que ali estavam representadas, tendo-se feito uma fotografia a magnesio. Os membros do governo e corpo diplomatico seguem hoje para Lisboa.

Liga de Higiene Moral e Social

A sessão inaugural das conferencias realizar-se depois de amanhã

Na Sala Algarve da Sociedade de Geografia realiza-se no dia 30 do corrente, pelas 21 horas a sessão solene inaugural das conferencias e reuniões de propaganda, na qual deverão fazer-se ouvir os srs. dr. D. Thomaz de Melo Breyner, dr. D. Antonio Perreira Forjaz, dr. Elmano Alves, dr. Gabriel Ribeiro, Zuzarte de Mendonça, Vitor Marques de Oliveira e Gastão de Bettencourt.

Os assuntos tratados nesta sessão serão: Fins da Liga, meios de saneamento e profilaxia, a familia, a pornografia na literatura, no teatro e no cinema, a formação moral dos rapazes e o papel da imprensa na moralização dos costumes e do progresso moral da sociedade.

LIVRARIA PROFISSIONAL
Largo do Conde Barão, 49
Livros tecnicos de todas as especialidades

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 29 — Realiza-se S. Pedro, Martir, duplex, paramentos vermelhos.

LAUSPERENE—Na igreja da Nossa Senhora do Resgate, (aos Anjos).

FESTIVIDADES—Sè, ás 11 coro, ás 12 missa e vesperas, S. Roque, ás 8 e meia missa.

CAPELA PERPETUO SOCORRO—A's 12 horas, festa ao coração de Jesus, com missa solene, por musica.

CAPELA DO RESGATE—A's 11,30 exposição do S S. em Lausperene, com missa solene, por musica, ás 18 horas novena por musica.

NOVENA AO SENHOR DOS PASSOS:

Conceição Velha—A's 12,30 por musica.

—Exposição da Imagem do Senhor Jesus dos Passos, nas igrejas do costume.

Na Ermida da Ascensão de Cristo, (Calçada do Combro)—No dia 5 de maio recebe o Sagrado Lausperene celebrando, ás 13 horas, a festa da Ascensão de Cristo, por musica, orando o rev. dr. Santos Rinha e hora de Nôa, ás 19,30 *Te-Deum*, por musica. Dia 7 festa á Senhora do Amparo, ás 12 por musica.

Igreja de S. Julião — No dia 5 de maio, ás 10,30 festa da Ascensão de Cristo, por musica e hora de Nôa.

DIA SANTO DE GUARDA PARA A IGREJA:

No dia 5 de maio é dia Santo de guarda para a Igreja, por ser dia da Ascensão de Cristo. Os catolicos são obrigados a ir á missa nesse dia e a abster-se de obras servis como se fôsse domingo.

MES DE MARIA:

No dia 1 de maio começa a devoção do mês de Maria nas igrejas dos Anjos, Antiga Lapa, Bom Successo, Santa Catarina, Corpo Santo, Carmo, Conceição Nova, Encarnação, Estrela, Inglesinhos, Santa Izabel, Santa Justa, S. José, S. Jorge de Arroios, Loreto, S. Luís, S. Mamede, Martires, Madalena, Monserrate. Milagres, Mercês, Ordens 3.as da Cidade e a Jesus, S. Paulo, Pena, S. Sebastião, Socorro, Saude, S. Vicente e Vitoria.

"Caminho da Atlantida"
(Uma campanha luzo-brasileira)
—=POR=—
JOÃO DE BARROS
Á VENDA NA
LIVRARIA PROFISSIONAL
Largo do Conde Barão, 49

ARTE & LETRAS

LEONTICHUS OU A HISTORIA DE UMA COMEDIA

Dialogo entre Luciano de Samosate e D. Beltrão

No Reino dos Mortos: Ao fundo, vê-se entre rochedos, uma curva do Achéron

D. BELTRÃO *(De largo feltro para a nuca, gibão deabotoado, espada a rojar pelo chão, correndo para Luciano)*—Misericordia, pai!... Até que enfim te encontro... Abre-me os teus braços... Deixa-me descançar ahi, deixa-me descançar!... *(Segurando Luciano que indiferentemente se afasta)*—Mas porque me foges? Acaso já me não conheces?... Nem tu sequer tambem já me conheces!... Desgraçado que eu sou...

LUCIANO *(De alva tunica de linho, parando finalmente a olhar o recenvindo)*—Quem és tu, pobre louco? Nem tu mesmo o sabes...

D. BELTRÃO—Pai, não sou louco... Olha-me bem... vê bem se me conheces... Olha que sou teu filho!... Dá-me a tua mão... quero beijar-ta... Ha tantos anos já... Vê quanto eu devo ter sofrido... Não me afastes de ti!

LUCIANO — Doido ou histrião, quem quer que sejas, importuno imbecil, deixa-me em paz!

D. BELTRÃO—*(Num ultimo impulso angustioso, tirando o chapeu, arranca os bigodes postiços e, despindo o gibão de veludo negro, arroja a espada para o chão)*—Pai, ainda me não conheces?...

LUCIANO *(Numa contracção de pasmo, que mal o deixa articular as silabas)*—Le...on...ti...chus!

EX-D. BELTRÃO *(Desoladamente)*—Eu mesmo, pai!...

LUCIANO—Mas, ó espanto dos Deuses, como podeste tu, Leontichus, surgir ao pé de mim com essa mascara de *Comedia ingenua*, com esse traje que eu não conheço, digno de um personagem de Melanthius?...

EX-D. BELTRÃO *(Aniquilado)*—Eis a minha tragedia!... E' esse o grande horror...

LUCIANO *(Ansiosamente)*—Mas conta, Leontichus, conta todo esse misterio... Sou eu que to peço... Sou eu que to supplico! Mas, sobretudo, conta como pudeste tu morrer... tu a quem eu dei a vida eterna... tu...

EX-D. BELTRÃO *(Interrompendo num gemido)*—Ah! Possa-to eu contar... Sinto-me quasi que a morrer de novo!...

LUCIANO *(Numa suplica)* — O' divino Plutão, deixa que ele me conte o misterioso enredo deste crime!...

Ex-D. BELTRÃO *(com visivel custo)*:—Ouve-me então, ó Pai!... Que a minha dôr consiga comover-te... que os meus soluços não me inibam de a contar... Ha mil setecentos e sessenta e cinco anos, quando eu nasci—lembras-te?—acabavas tu de escrever o decimo terceiro *Dialogo das Cortezãs* e comigo nasciam tambem os meus dois irmãos gêmeos, Hymnis e Chénidas...—Ah! Nunca os osculos da Grecia, nem talvez mesmo a pitonisa de Delphos, teriam então podido, se o quisessem, predizer a triste condição do meu futuro!...—Recemnascidos quasi, mas logo que a graça com que tu nos dotaras, eu e meus irmãos, fizemos a hilaridade de uma grande parte do povo da Hellade... Passsámos á Italia e Roma embasbacou a rir diante das nossas frases... diante das tuas frases... Os anos foram correndo e tu morreste, mas nós continuavamos a relembrar teu nome... Bysancio, mais tarde, não se conteve tambem e nós fomos queridos da multidão do grande imperio... Tanto deliciavamos os burgueses de Constantinopla como as côrtes dos grandes Basileus! Ali demorámos fechados muitos anos—cá fóra a gente rude não nos entendia—até que ha cinco seculos pudemos prosseguir as nossas viagens pelo resto da Europa... Corremos muitos países e o mesmo sucesso de outros tempos sempre nos rodeou, talvez maior ainda do que dantes... Enfim já eramos reliquias!... Mas, ó perfidia dos Deuses! Escuta-me agora atentamente, ó Pai, que principia aqui o meu tormento!... Faltava-nos visitar um certo país remoto, quasi perdido nas bandas do Ocidente, para lá das Colunas de Hercules, creio que descoberto por Ulisses e que então nos diziam ser povoado por criaturas muito alegres, mas, infelizmente, de uma ignorancia crassa. Dispunhamo-nos a partir, quando uma certa tarde, eu e meus irmãos, recebemos a visita de um estrangeiro! Era esse estrangeiro natural do tal país do Ocidente. Pelo cartão que nos mandou vermos ser ele um tal doutor Julius, socio de uma certa academia—não a da velha Athenas, com certeza. E vai então recebemo-lo. Era um efebo de cabelo negro e de bigode luzidio e de olhos luzidios e fatais... Havia qualquer coisa nele de uma candidez e de uma sensualidade que logo nos cativou!... Porêm, a fatalidade dos seus olhos foi a fatalidade de nós três. Primeiro Hymnis—triste condição a das mulheres—foi imediatamente conquistada; depois Chénidas—sabes que ele nunca primou muito pela violencia—logo se deixou levar pela fatalidade daqueles olhos a luzir... a luzir lá no fundo das pestanas negras... Por ultimo... eu...—Tu tambem não me déste senão uma coragem postiça—ainda quis resistir... ainda quis resistir, Pai, mas... pôs-se a falar comigo, a aliciar-me...—elé falava tão bem!... que, mesmo sem saber como, senti-me tomado pela vertigem daquele olhar e arrastado no espaço sem bem saber para onde! Quando voltei a mim estava ao pé de Hymnis e de Chénidas no tal país de ignorantes, do qual o dr. Julius tão bem se sabe aproveitar... O' Pai, que as lagrimas que verto me tragam o teu perdão... Crê, eu fiz quanto pude para resistir...

LUCIANO *(numa ameaça)*:—Ah! Mas ao outro nunca perdoarei!

Ex-D. BELTRÃO—A Chénidas?

LUCIANO—Não. Ao tal doutor... Mas... E depois?

EX-D. BELTRÃO *(Num suspiro de alivio)*.—Obrigado, Pai. As tuas palavras vieram socegar-me!

Depois, com uma voz em que já não havia a doçura do primeiro encontro, mandou-nos para junto duma creaturinha de aspecto *severo* e brigão que enfileirava na companhia de muitas meninas todas iguais, todas vestidas de saias muitas largas e com sinaisinhos nas caras. Os olhos dele faiscavam de alegria e, então, brutalmente, apressadamente, pegou em nós e despiu-nos todos...

—Oh! A vergonha desses instantes!—e voltou a vestir-nos com uns fatos muito diferentes, muito exquisitos... A mim vestiu-me como tu viste quando cheguei... A Hymnis enfiou uma das tais saias largas, poz-lhe dos tais sinais na cara... Aquilo deve ser mania, não é verdade, Pai?

LUCIANO — Decerto... Mas continua, Leontichus...

EX-D. BELTRÃO—Ah! Já me esquecia: obrigou-a a lêr latim e, o que é mais, querido Pai, até a aprender grego!... Como se ela o não pudesse ensinar! Já é descaradamento... Quanto a Chénidas fez dele um marquês... Tu sabes o que é ser marquês?...

LUCIANO *(Impaciente)*—Não, nem importa...

EX-D. BELTRÃO—Para o doutor Julius, creio que ser marquês é comer confeitos... Emfim, até aqui, de surpreza em surpreza, ainda tudo não ia muito mal... Ah! Mas então é que eu conheci o poder das Furias, quando o tal senhor me disse que haviamos de ir representar assim... E o quê? Dzeus!... Uma comedia que ele escrevera na vespera, entre um bule de chá e uma tradução das suas obras... E depois foi todo o horror de repetir constantemente, durante anos, através das palavras dele, a mesma ideia que tu já tiveras dezoito seculos antes... E em que trajes, meu Pai, em que trajes... E então era ver todo aquele povo a aplaudir alegremente, inconscientemente... e o doutor a agradecer... a agradecer... Chamavam-lhe o primeiro talento daquela terra... o maior escritor... e êle a acreditar, a acreditar... Vê que tortura a nossa! Nós a querermos explicar como tudo tinha acontecido e ninguem nos ouvia, ninguem nos entendia... ninguem naquele país sabia grego... Por fim, depois de muito sofrimento, sem que reconhecessem quem nós eramos, entrou em nós três a mania do suicidio... Mas não chegou a ser preciso! Sofriamos já de um definhamento continuo, dum exgotamento, que mais e mais nos fazia emagrecer, até que, certa noite em que nós representavamos, caimos aniquilados para sempre, depois de uma vida efemera de alguns anos! Aqui tens o drama das nossas vidas e a causa da nossa morte!... Triste destino o meu... Triste destino o nosso! ..

LUCIANO—Hymnis? Chenidss?

D. BELTRÃO—Ficaram no barco de Caron, ainda quasi mortos... O velho tambem não os deixou sair, porque, dada a maneira como nós morremos, nada trouxemos connosco para pagar a passagem!

Só a muito custo consegui vir ter contigo para que tu os fosses buscar e désses o dinheiro...

LUCIANO—Pois vamos, Leontichus... Oh! Triste condição depois de morto!... Vêr assim barbaramente aniquilados três filhos dos quais eu julguei ter dado a eternidade... *(Um pensamento súbito)*. Ouve, Leontichus: Parece-te que o tal doutor Julius seja homem capaz de raptar assim, tão facilmente, quantas mulheres encontre e que o seduzam?...

D. BELTRÃO—Mas com certeza, Pai! Hymnis que o diga...

LUCIANO — *(Numa ameaça)*: Ah! nesse caso que Plutão o precipite bem depressa nas profundezas do Tártaro, antes que me conquiste o resto das cortezãs dos meus Dialogos!

Mario Alves Pereira.

AS SUAS SAUDADES

A's vezes subo, devagar, a escada:
Vou surpreendê-la, pensativa, a olhar,
Na distancia dos campos a resar,
As sinuosas curvas duma estrada...

Fito-a calado e dalma ajoelhada:
—Acordá-la para quê, do seu scismar!
Deixá-la ter saudades, recordar...
Com isso o nosso amor não sofre nada!

Deixá-la recordar a Casa eleita,
A que essa estrada, ás curvas, vai direita;
O coração dos seus, d'amor sem fim?

Não devemos amar egoistamente...
Quando ela lá estava, era eu ausente;
E' a mim suas saudades para mim!

Do livro—*Mulher de Benção*—a concluir. **Antonio Alves Martins**

Sociedade Portuguesa de Administrações

SOC. ANON. DE RESP. LIM.

CAPITAL AUTORISADO: 5:000 CONTOS — CAPITAL EMITIDO: 1:000 CONTOS

Endereço telegrafico "Spa"—Cod. Ribeiro: A. B. C. 5.ª Ed.—Lieber's

SÉDE — Calçada do Sacramento, 14, 1.º — LISBOA

TABELA DE COMISSÕES
ADMINISTRAÇÃO DE BENS

(*) Recebimentos de Juros e Dividendos—Lisboa e Porto....	1 0|0
Recebimentos de Juros e Dividendos—fóra de Lisboa e Porto	1 1|2 0|0
Recebimentos de Heranças e Legados	Convencional
Compra e Venda de Titulos.....	1 0|0
Compra e Venda de Prédios rústicos e urbanos.....	1 0|0
Cobrança de rendas de predios.....	2 0|0
Cobrança de Pensões do Estado.....	2 0|0
Cobrança de ordenados e vencimentos.....	2 0|0
Pagamentos de impostos:—por um predio.....	Esc. 3$00
por 2 a 4 predios, cada um.....	Esc. 2$00
por 5 predios ou mais, cada um.....	Esc. 1$80

Administrações mais complexas, condições convencionais

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

—Não acreditas então na transmissão do pensamento?

—Não.

—Nem no espiritismo?

—Tambem não.

—Nem sequer na transmigração das almas?

—Ainda menos.

A Maria Luísa cravou em mim os olhos verde liquido e creio que me admirou sinceramente um momento. Eu tinha deante de mim a criaturinha mais nervosa, mais doente, mais cheia de imaginação que se possa imaginar; ela na sua frente via apenas uma rapariga que não tinha nem pressentimentos, nem agoiros, nem nenhuma embirração particular com qualquer data ou por qualquer flôr, como a ela acontecia. E esta diferença que havia entre nós duas, fazia com que eu fosse a seus olhos uma creatura excepcional, digna da maior inveja. E' que ela passou verdadeiros tormentos. Tinha medo de tudo. Em tudo via uma influencia sobrenatural. Os lilazes, por exemplo, dizia ela, tinham-lhe sempre sido funestos. O dia 13 trazia-lhe invariavelmente desgraça. A' terça feira se, acaso saia, vinha para casa doente. Os vestidos verdes davam-lhe arrelias. E não era capaz de dormir sosinha n'um quarto porque afirmava que de noite via perfeitamente pessoas estranhas sentarem-se na sua cama, passarem-lhe as mãos pela cara, brincarem-lhe com os cabelos e remexerem em todas as suas gavetas. Tinha a mania de que todos lhe queriam mal; e se alguem olhava fixamente para ela, supunha logo que a queriam adormecer para a obrigarem ás peores acções.

—Minha pobre Maria Luisa acredita que tenho pena de ti. Mas eu já te supunha curada ou pelo menos em via de cura.

—Sim, tu ris porque não é comtigo... Se tu soubesses o que se passou comigo a semana passada!

—Ah, sim? Anda conta, conta depressa.»

Maria Luísa, contra o que era de esperar, gosta de falar nas suas alucinações, e fica muito grata a quem mostra interesse em ouvi-la.

Nessa tarde os olhos abriam-se desmedidamente!

—Na sexta-feira passada andei todo o dia com dores de cabeça e muito mal disposta. A' noite não quiz sair. Tomei uma chicara de café bem quente e deitei-me antes das 10 horas. Procurei adormecer. Mas o sono não chegava e comecei a sentir-me peor. Já não eram só dores de cabeça o que eu sentia. Era um mal estar geral, um grande peso nos olhos. Procurei reagir. Sentei-me na cama e li um bocado. Mas o sono não vinha. Estive assim numa agitação constante, até perto das 2 horas da manhã. Cançada, extenuada, apaguei a luz e adormeci então. Mas pouco tempo devia ter durado o meu sono. Dai a bocado senti de novo uma impressão enorme nos olhos. Era ainda noite, 4 da manhã talvez. A luz estava apagada. Mas, contudo, uma claridade tenue iluminava o quarto. Olhei em volta de mim e vi então, com os nervos a saltarem como doidos, um estranho personagem sentado aos pés da minha cama. Juro-te que vi, minha querida Maria. Estava vestido de branco e tinha as feições dum japonez. Com uma grande insistencia olhava-me de frente sem desviar os olhos. Doida de terror gritei, gritei...

Quando a minha mãe chegou e acendeu a luz já não viu ninguem. Mas eu vi, juro-te que vi o japonês...

.....

Passaram-se alguns meses, perto dum ano, sobre esta conversa. Eu não vira em tudo isto mais do que uma das muitas alucinações da minha pobre amiga; e nunca mais me teria lembrado deste facto se não fosse um caso unico, extraordinario que eu propria presenciei.

«Havia baile na embaixada... Eu, a Maria Luiza, inumeras raparigas, preparavamo-nos com infinito prazer para essa festa que prometia ser brilhante. Na tarde do baile, havia enorme animação na minha casa. A Maria Luiza, por ter a mãe levemente doente ia comnosco. Há muito tempo já que eu não a via tão bem disposta, tão despreocupada.

Fomos. O baile prometia ser esplendido. A embaixatriz tinha preparado tudo com um cuidado inexcedivel. Fizeram-se apresentações. Um moço japonês recemchegado de Tokio, tendo-me visto conversar com a Maria Luiza, preguntou-me:

—«Aquela sua amiga já esteve na minha terra, não é verdade?

—«Não, não esteve. Porque pregunta isso?

—«Porque já a vi, não sei onde.

—«Ah, impossivel... E' engano seu. Ela nunca saiu de Lisboa...

—Comtudo eu tenho a certeza de que já a vi.

Maria Luiza passou nesse momento perto de nós. Vinha a dançar com o Chico... Tendo-me visto de longe, vinha dizer-me qualquer coisa...

Mas ao ver o japonês com que eu conversava, fez-se muito palida, e agarrando-me os pulsos, gritou com os olhos esbugalhados:

—O homem... o japonês... Eu bem te disse que o tinha visto... E com um gesto de ave ferida caiu redondamente no chão.

.....

Este caso passou-se em Lisboa há alguns anos, e eu conheço os personagens do pequeno drama.

Maria

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

PORTUGAL NA GUERRA

Uma carta do ilustre poeta Afonso Lopes Vieira

"Porque, meu Deus! uma coisa é a intervenção, outra é o modo como ela se fez e o que se lhe seguiu: Para desenvolver convenientemente esta frase, seria preciso escrever um volume" — Diz o autor do "Naufrago"

Senhor director do *Diario de Lisboa*, meu prezadissimo camarada e amigo.—No artigo intitulado *Portugal na guerra* publicado no seu jornal de ontem, faz-me v. a honra de se ocupar da minha personalidade e em termos de tão generosa gentileza que me cativam e confundem. Mas, atribuindo-me o que v. chama os *meus gestos de polemista*, declara que os envolve uma paixão que, sendo sincera, pode comtudo perturbar a limpidez da verdade. Vem isto a proposito da minha resposta ao inqueriio aberto no seu jornal ácerca dos nossos mutilados, e na qual eu atribuo *interesses politicos* á nossa intervenção na guerra. Nas suas considerações, começa v. por dizer que defendeu sempre como jornalista essa intervenção e que o fez sempre inspirado em razões patrioticas—o que eu reconheço e creio com uma convicção que nenhuma dúvida poderia empanar.

Pregunta v. se eu, para ousar afirmar que foram interesses politicos que nos levaram ás trincheiras de França, possuo provas decisivas? Se tenho conhecimento de qualquer conjura que nos arrastasse á Flandres?

Não, sr. director; *decisivas*, se alguem as possue, não sou decerto eu, nem tenho conhecimento especial de conjura que se haja urdido. Nunca sobracei—como se diz no calão oficial—a pasta dos Estrangeiros; nunca tomei chá nem fumei uma «cigarrete» na companhia do sr. Lloyd George, e mesmo o sr. João Chagas conheci-o vagamente ha anos e já o não conheço agora. Desprovido destas altas funções e destas relações diplomaticas, como queria v. que fosse eu quem guardasse as provas *decisivas*? De resto, ninguem as possue—e todavia uma me basta para ousar afirmar o que afirmei, a qual vem a ser o sentimento, o *instinto da Nação*, em cujo sub-consciente primeiro, e depois na propria mentalidade, se fixou a convicção inabalavel da afirmação que eu fiz.

E' esta convicção inabalavel, esta *convicção nacional* que explica logica e terrivelmente o desastre da nossa intervenção, da qual saimos, todavia, honrados porque as virtudes admiraveis da nossa raça resistiram no sacrificio horrendo e fizeram dos nossos soldados—martires conscientes e duplamente heroicos!

Sei que á roda da minha poesia apreendida se urdiu uma lenda que me apresenta como um feroz anti-intervencionista. E' tão inexacto isso que poucos portugueses poderão documentar como eu o entusiasmo de que se possuiram quando Portugal entrou na guerra. (Seria longo e não vem para o caso discutir e demonstrar que o campo de batalha propicio á nossa gloria teria sido em Africa). Na «Capital» de 22 de Março de 1916 fiz eu publicar um excerto da «Exortação á guerra», de Gil Vicente, precedendo-o destas palavras assinadas com o meu nome: «Recordar em tal momento estas redondilhas frementes de entusiasmo e força generosa, parece-me propicio. Agora, como em 1513, esta voz palpitante reclama de todos nós, filhos de Portugal, a mesma vontade magnifica, o mesmo desinteresse esplendido, a mesma triunfante virtude.

O que ela reclama é o espirito de unidade, aquele que brilhou em Sagres, em Ceuta, em Aljubarrota. Aos *senhores cidadãos*, aos *fidalgos* e aos *regedores* esta maravilhosa canção ancestral se dirige, e exorta-os á concordia e á vitoria,—á concordia sem a qual a vitoria é impossivel!» Quer V. um entusiasmo mais ardente — e mais ingenuo? Porque, meu Deus! uma cousa é a intervenção, outra é o modo como ela se fez e o que se lhe seguiu. Para desenvolver convenientemente esta frase, seria necessario escrever um volume. Para mim, que falo e sinto pelo *instinto da nação*, seria isso impossivel.

Mas seja o general Gomes da Costa, honra e flor do nosso exercito, antigo comandante do C. E. P., quem lhe forneça um aspecto a paginas 110 do seu livro *A batalha de Lys:* «Devemos todos curvar-nos cheios de admiração e cheios de respeito diante deste pobre *gambúzio* que meteram num navio com uma arma ás costas, sem lhe dizerem para onde ia; que colocaram numa trincheira diante do Boche sem lhe dizerem porque se batia; que passou meses queimado pelo sol de fogo, enregelado pela neve, atascado em lama, encharcado, tiritando com frio, carregando á baioneta quando o Boche avançava...»

Ah! Sim! diante dêsse soldado heroico que o grande pintor Sousa Lopes fixou em telas admiraveis, curvêmo-nos cheios de admiração e de respeito. Se do seu sacrificio não vieram para a nação resultados de qualquer natureza, queixemo-nos apenas de quem dissociou a alma nacionai a ponto de ser hoje impossivel produzir-se em Portugal um movimento colectivo, como aqueles que, em plena monarquia gangrenada, ainda agitavam epicamente a alma de Portugai no regresso dos bravos de Africa, de Mousinho e Azevedo Coutinho a Galhardo e Roçadas, quando os escritorios, as lojas, os clubs e as casas particulares de Lisboa se despovoavam e a multidão, composta de homens de todas as classes, aclamava em delirio, com prantos de emoção e brados de vitoria, os ultimos descendentes de uma epopeia que eles continuavam e de que nós viviamos ainda!... Ah! queixemo-nos dos homens que tiveram o genio negativo de nos exilarem em a nossa propria terra—até chegarmos a ver este espectaculo tremendo de oficiais portugueses arrancarem dos peitos as suas cruzes de guerra para as pôrem em leilão numa montra da Baixa, a fim de socorrerem os mutilados ao abandono!... Como vai longe a canção de Gil Vicente! E como estas provas são em verdade *decisivas* como v. as reclama!...

Se alguma coisa desejo agora, é que os ricos portugueses, geralmente tão faltos de espirito, mostrem que compreendem este leilão sublime. E assim como em Nova York, ha pouco tempo, se pagava por 1:000 dollars, numa festa de assistencia aos orfãos da guerra, um jantar composto de um caldo verde servido numa meza de zinco, em Lisboa se paguem a peso de diamantes as Cruzes de Guerra leiloadas. Esta acção dos herois que se despojaram das suas condecorações para tal fim, parece-me que anuncia, na sua admiravel significação cristã, um sinal de redenção da Patria—desta Patria que sendo de cristãos e portugueses, tem penado e está quasi morta—nas mãos dos moiros!

De v. etc.

Afonso Lopes Vieira

Imprensa Libanio da Silva

Sucessores Sousa & Gomes, Ltd.

24, Travessa do Fala Só, 24

Telefone 2110 C.

Trabalhos tipograficos em todos os generos. Encadernações.

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

NO POLITEAMA

A opereta em 3 actos "Paris—Monte-Carlo"

De Carlos Lombardo, com musica do maestro Mario Costa e tradução do escritor Acacio Antunes

«Paris-Monte Carlo» é uma opereta, como todas, com as valsas do costume, os inevitaveis sapateados, as competentes taças de Champagne, os coros da praxe... A intriga é a mesma de sempre: um beijo em tres actos, um beijo que leva tres horas a cair dos labios... E' uma opereta que, na verdade, não nos traz novidade alguma, uma opereta feita no casão das operetas. Não é mã nem é boa. Por vezes, é monotona, morosa, molenga... A tradução é obra de fancaria, bastante rua dos Fanqueiros... Para documentar a frase aí vai um *couplet* que eu consegui decorar, para meu mal:

Ás notas dum violino,
E' chic, é fino...

Pois não?... Imensamente *chic*, fino, D. Eulalia...

Luiza Satanela desempenhou com desenvoltura (é assim que se costuma dizer, não é?) o papel de Náná. Teve graça, teve animação, teve *toilettes*, teve olhos... Amarante, alegre como sempre, *Ai-ó-lindou*, como poude, o seu papel. Raquel de Barros foi de gesso... Alves da Silva cantou, cantou, cantou muito... Não teve tempo para fazer mais nada. Os outros, os outros ficam no tinteiro para tingirem a cara de preto...

Os scenarios são infelizes. No primeiro acto, pintadas pelas paredes, como motivos decorativos, há umas canecas de cerveja de cabeleira empoada, que me intrigaram bastante. No segundo acto, o Casino de Monte Carlo é uma oleografia de casa da costura...

A mise-en-scene é desastrada. Os comparsas e coristas não honraram o guarda-roupa que os vestiu.

«Paris-Monte Carlo» para estar certo, dever-se-ia chamar «Paris-Monte Carlo—Alhos Vedros»...

A. F.

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

MÁ-LINGUA

Sombras na Estrada

por Maria Magdalena

Sombras na Estrada... Quando rompe a aurora
vultos esguios, lentos, scismadores,
vão passando a cantar, caminho fóra,
calcando aos pés o orvalho, a relva, as flores.

Sombras na estrada... As ambições maiores,
as lagrimas crueis que a gente chora...
Sombras na estrada... As ilusões, as dores,
tudo o que foi e anda disperso agora!

Lindo nome, não é? Sombras na estrada...
A prosa é doce, um tanto exagerada
sobretudo,—meu Deus!—na pontuação!

Eu cá não vi,—proposito ou desleixo?
nenhum ponto final no fim de um trecho,
é sempre reticencia ou exclamação!...

TAÇO

Acaba de publicar-se:

O Livro de Amor de João de Deus

A obra suprema do grande lirico
A' venda nas principais livrarias

Pedidos á

SOCIEDADE EDITORA PORTUGAL-BRASIL

RUA GARRETT—LISBOA

A CIDADE

O NOSSO INQUERITO

OS MUTILADOS

Palavras do general sr. Gomes da Costa

"Para Runa? Como se homens no vigôr da vida pudessem ser clausurados, sequestrados"

O general sr. Gomes da Costa, comandante da 1.ª divisão do C. E. P. e um dos militares mais prestigiosos e mais valorosos do nosso exercito, teve a amabilidade de receber ontem em sua casa um representante do *Diario de Lisboa*. Não é uma entrevista o que vai ler-se; são só algumas palavras simples e sem atavios literarios. Essas palavras, porêm, cheias de franqueza, cheias de sinceridade, revelam bem que o general-soldado que se bateu em França é irmão pelo sangue e pela alma dos nossos *serranos* e que o seu patriotismo dolorosamente se comove pelo bom nome de Portugal.

Eil-as:

—Pelos mutilados é preciso fazer-se tudo. Não hezitaram em atirar os soldados para a guerra; manterem-nos nas trincheiras dois anos; exigirem-lhes todos os sacrificios; agora, porêm, não são eles que ocupam os logares proeminentes no exercito e nem ao menos se cura dos desgraçados que em França ficaram inutilizados para todo o sempre. Entendo que a obrigação do país é colocar esses homens. Que esses soldados não tenham de ficar na dependencia de ninguem, e o que é peor: na dura condição de esmolarem. Para honra do país e do exercito, este assunto já devia estar ha muito concluido! exclamou energicamente o general Gomes da Costa.

Por fim diz:

—Falam por aí que o governo vai colocar alguns mutilados no Instituto de Runa. Sabe o que é o Instituto de Runa? E' um convento para velhos... Como se homens no vigor da vida, pudessem ser internados, claustrados, sequestrados!

Conferencias com o ministro das finanças

A direcção da Associação Comercial de Lisboa e o presidente da Associação Industrial Portuguesa, tiveram hoje demorada conferencia com o sr. ministro das finanças, a que assistiram os directores gerais da contabilidade e das contribuições e impostos.

Livraria PORTUGALIA Editora

Gabinete de Leitura

Portuguesa
Francesa e Hespanhola

9.000 obras dos melhores autores

Completa variedade de ROMANCES
Poesia — Historia — Filosofia — Arte — Finanças, etc., etc.

Mensalidade 1$20

Catalogos 1$50

75 — Rua do Carmo — 75

O PATRIMONIO ARTISTICO

O desvio de nove carroçadas de livros de Campolide

"Por usar de piedade para com um ou dois individuos deixa-se de ter pelo País a piedade que ele merece" —diz-nos o sr. Raul Proença, falando ácêrca do caso dos livros da Biblioteca do Colegio dos Jesuitas

Depois de ouvir o sr. dr. Borges Grainha sobre o desvio dos livros de Campollde, o *Diario de Lisboa*, continuando a querer defender o nosso patrimonio artistico, resolveu ouvir tambem o sr. Raul Proença, alto funcionario da Biblioteca Nacional, que pronta e amavelmente nos concedeu a gentileza duma entrevista.

—O facto mais importante—começou o sr. Raul Proença—é o desvio de nove carroçadas de livros, feito mesmo pelo sr. Borges Grainha, *sem ordem, nem autorização superior*, quando a colecção dos livros estava ainda na posse da Companhia de Jesus, pois que não tinha sido ainda tomada nos tribunais qualquer resolução que a fizesse passar para a posse do Estado. Estes livros foram substituidos por obras de ensino elementar.

—E' duma enorme gravidade o que v. ex.ª nos está relatando, interrompemos.

—Sim, com efeito, o acto reveste uma importancia singular pelo facto de se saber que desappareceram varias obras de extremo valor, como uma primeira edição dos «Lusiadas», não tendo o sr. Borges Grainha maneira alguma de provar quais os livros que realmente retirou da biblioteca de Campolide, por isso que não deixou sequer uma lista dos livros retirados. Todavia, acredito que não foi o sr. Borges Grainha que subtraíu esses livros preciosos e que todos os que ele tão levianamente foi retirar a Campolide se encontram hoje na livraria do Quelhas.

—Não deveriam antes entrar para a Biblioteca Nacional?

—Tendo a biblioteca de Campolide estado ultimamente na posse legitima da Biblioteca Nacional, e tendo já dado entrada nesta todos os livros que ainda ali se encontravam, evidentemente que os volumes retirados pelo sr. Borges Grainha vão entrar tambem na Biblioteca Nacional, que é a sua unica e legitima possuidora.

—E não recaiem suspeitas sobre ninguem? Não será possivel descobrir os culpados?

—Por uma conversa com o sr. Borges Grainha ouvi a este senhor que ele tinha sérias presunções sobre a pessoa ou pessoas que tinham desencaminhado varias obras preciosas, entre as quais essa colecção dos *Lusiadas*, a que já me referi.

E nesta altura, o sr. Raul Proença diznos que é tudo quanto sabe sobre o desvio dos livros de Campolide.

Todavia, não nos démos ainda por satisfeitos. E, preguntando-lhe, por fim, o que deviamos pensar de factos como este, que tão pouco interesse e carinho revelam por o nosso patrimonio artistico e literario, s. ex.ª responde-nos:

—E' lamentavel que estes actos criminosos se pratiquem com tanta frequencia, e eu atribuo isso sobretudo á falta das sanções penais. Fazendo um uso imoderado da piedade, estamos realmente a ser crueis para com o proprio país, que vê dia a dia diminuir a sua riqueza bibliografica e artistica, sem que as pessoas que deviam tomar a sua defesa adoptem os unicos meios que poderiam obstar a um assalto tão constante e sistematico da riqueza publica.

Para usar a piedade para com um ou dois individuos, deixa-se de ter pelo país a piedade que ele realmente merece.

Que todos os que, porventura, directa ou indirectamente tenham quaisquer responsabilidades no assunto, pesem bem o alcance destas palavras, dito com todo o desassombro, e cheias de verdade.

O PARLAMENTO PELO TELEFONE

Avisinha-se uma crise ministerial?

O que corre nos meios militares

Pelas conversas que entre os parlamentares se desenvolvem nas salas e corredores do Parlamento, a situação ministerial apenas sorri aos adversarios do governo, positivamente em serios embaraços na questão dos mutilados da grande conflagração europeia.

Nota-se mesmo, sem esforço de observação, que entre os amigos do governo—e eles são bem poucos, ao que se vê e ouve—paira uma atmosfera plumbea e de receio pelo volume que as coisas estão assumindo nos meios militares e no publico em geral.

As declarações do sr. Alvaro de Castro

Vem a talhe dizer-se, como ouvimos, que as novas declarações feitas ontem nas duas camaras pelo sr. Alvaro de Castro não assentaram melhor do que as da vespera, muito embora, por uma questão de ordem partidaria, os correligionarios do orador as sublinhassem com os aplausos da praxe. Convem frisar: não somos nós quem o dizemos; são os proprios autores dos «apoiados».

O caso dos mutilados da guerra

Agora é que já todos sentem a enorme gravidade assumida pelo pouco caso que se tem feito dos estropiados da Flandres e de Africa—diz-se aqui, nos Passos Perdidos—mas ninguem atina com o melhor processo de se diluir a desgraçada impressão que, assoberbando o sentimentalismo nacional, naturalmente se reflectiu no Parlamento. Verifica-se que, dada a embalagem que o assunto já tomou, não será o sr. ministro da guerra, contrariando a eloquencia dos factos, que o resolverá no seu aspecto moral. E, por conseguinte—acrescenta-se—não será de todo mau que a engrenagem burocratica do Congresso da Republica active a ida para o Senado da proposta do sr. ministro da guerra votada ontem na Camara dos Deputados.

Acabamos de ouvir que o sr. ministro da guerra mandou revogar a celebre ordem 103, pela qual foram expulsos do Instituto de Arroios os mutilados que ali se encontravam. Mas quem deu aqui esta novidade tambem disse que no nosso país já morreram, por falta de assistencia, uns oito ou nove estropiados de guerra.

O contrato dos Tabacos

Deve prosseguir hoje, em ordem do dia, a discussão do parecer da proposta que autoriza o governo a negociar a reforma do contrato existente entre o Estado e a Companhia dos Tabacos.

Os deputados mais ou menos tabagistas não podem levar á paciencia que o respectivo parecer tivesse sido relatado pelo sr. Anibal Lucio de Azevedo... que não fuma.

Notas Mundanas

A caridade

A opereta «Ninguem diga...»

A'manhã, sexta-feira, ha ensaio dos córos da linda e engraçada opereta portuguesa «Ninguem diga...» no «foyer» do teatro São Luis, pelas 17,30 (5,30 da tarde), esperando a ilustre comissão que todas as pessoas que tomam parte não faltem.

«As Florinhas da Rua», no Porto

Acaba de se fundar na capital do norte uma sociedade congenere da que em Lisboa se fundou ha anos, com o titulo de «Florinhas da Rua», destinada a proteger as crianças que vagueiam pelas ruas, e a fim de angariar donativos para o cofre dessa associação deve realizar-se na noite do dia 30 do corrente, no teatro de S. João, uma elegante festa de caridade organizada por uma comissão de senhoras da primeira sociedade portuense, da qual fazem parte as seguintes:

D. Ana José Guedes, condessa de Bettencourt, D. Iguez Guedes Cabral, D. Luisa da Fonseca Mourão, D. Maria da Assunção Mendôça Cyrne de Carvalho, D. Maria da Conceição Cabral Barbosa, D. Maria Felismina Pinto de Mesquita, D. Maria Henriqueta Lencastre de Castro, D. Maria Henriqueta Viterbo Ferreira e D. Maria de Melo Breyner Andresen.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Condessa de Sobral, D. Maria de Lencastre e Tavora de Laboreiro Fiusa, D. Virginia Pereira de Melo de Mascarenhas e Silva, D. Paulina Rolin Geraldes Barbas, D. Maria Carlota da Camara Sena e D. Maria Luisa Santos Silva.

E os srs.:

Conde de Mozer, conde de Aurora, dr. José Borges Pacheco Pereira de Faria (Infias), João de Sousa e Barros, Eduardo João Burnay, Manuel Natciso de Sousa Freire e Nuno de Castelbranco Ferreira Pinto Basto.

Casamentos

Na igreja conventual do Bom Sucesso realizou-se ontem o casamento da sr.ª D. Maria Felismina de Carvalho Franco (Restelo), gentil filha dos srs. condes de Restelo, com o sr. Manuel Soares da Costa Falcão, filho da sr.ª D. Maria Anastacia Soares da Costa Falcão e do sr. dr. Francisco Augusto da Costa Falcão.

Serviram de madrinhas as sr.as condessa de Restelo (D. Tereza), avó da noiva e D. Maria José Soares da Costa Falcão, irmã do noivo, e de padrinhos os srs. Pedro Augusto Franco (Restelo), tio da noiva e Luis de Sommer, tio do noivo.

Foi celebrante sua excelencia reverendissima o arcebispo de Evora sr. D. Manuel Mendes da Conceição Santos, que foi acolitado pelos reverendos Domingos Nogueira, prior de Santa Maria de Belem e Mac Lean, e que fez no fim da missa uma brilhante alocução.

Sua Santidade o Papa Bento XV enviou aos noivos a sua benção.

Finda a cerimonia religiosa, durante a qual foram executados por um grupo de senhoras no côro varios trechos de musica sacra, foi servido na elegante sala de jantar da residencia dos pais da noiva, á Junqueira, um finissimo «lunch».

Os noivos partiram de automovel para o Monte Estoril, onde foram passar a lua de mel, seguindo dai dentro de dez dias para as suas propriedades em Constancia.

Na «corbeille», que se encontrava artisticamente armada, em uma das salas via-se grande numero de valiosas e riquissimas prendas.

—Hoje realizou-se na capela particular da residencia da sr.ª D Clementina da Silva Carvalho Santos, viuva do sr. Carlos Elias Rodrigues dos Santos, na rua do Jardim á Estrela, o casamento de sua gentil filha a sr.ª D. Maria do Carmo da Silva Carvalho Santos, com o distinto engenheiro sr. José dos Santos Lima, filho da sr.ª D. Euffazina dos Santos Lima e do sr Joaquim dos Santos Lima.

Os noivos partiram em digressão pelo país.

Foi celebrante sua excelencia reverendissima o sr. bispo de Portalegre, D Domingos Fructuoso, que no fim da missa fez uma brilhante e comovente alocução, sendo acolitado pelo reverendo prior de Santa Izabel sr. dr. Santos Farinha.

Sua Santidade o Papa Bento XV enviou aos noivos a sua benção.

Findo o acto religioso foi servido na elegante sala do jantar da residencia um finissimo «lunch», fornecido pela acreditado «pâtisserie» Benard.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Josefina da Silva Carvalho Osorio, tia da noiva que se fez representar pela sr.ª D. Maria de Serpa Pimentel Temudo e de padrinhos o pai do noivo e o sr. Candido Sotto Maior.

Na «corbeille da noiva via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Em viagem

De Paris chegou com sua esposa a sr.ª D. Virginia Duff Burnay Pinto o nosso presado amigo sr. Antonio Vieira Pinto.

—Com sua esposa a sr.ª D. Maria das Dores Cabral Parreira de Lacerda e Vasconcelos, regressou de Sintra, o sr. Antonio Lobo de Portugal e Vasconcelos.

—De visita ás suas propriedades em Abrantes, partiu ontem com sua esposa a sr.ª D Maria do Carmo de Barros Pereira de Carvalho e sua gentil filha D. Marieta, o sr. comendador Guilherme Pereira de Carvalho.

—E' esperado em Lisboa, vindo de Londres, o sr. conde da Ribeira Grande.

—Regressou do Caramulo, o sr. Pedro de Oliveira Pires. Sua esposa e gentil filha ainda aí se demorarão.

—Vindo das suas propriedades de Portel é esperado em Lisboa, com seu filho o sr. D. Sebastião Gil Borja de Macedo e Menezes, a sr.ª D. Quiteria Leitão Gil Borja de Macedo e Menezes.

—Regressou de New-York, onde esteve durante alguns meses, o ilustre clinico sr. dr. Guilherme de Barros (Alvellos).

—Regressou de Sevilha o distinto engenheiro agronomo sr. Carlos Iglesias da Silveira Viana.

—Deve regressar ámanhã de Coimbra o sr. d. Mario de Aguiar

SPORT

A Educação Fisica em França

A influencia do sport no recenseamento militar

Publicaram os jornais, ha dias, que a França no seu recenseamento militar apurara 78 °/₀ dos seus mancebos o que excedeu todas as espectativas; sendo a causa principal a influencia da pratica dos «sports».

Em Portugal muito se tem feito em prol da educação fisica, mas muito tambem falta fazer; e, se levarmos em linha de conta que a França, mais do que nenhuma outra nação, viu com terror um decrescimento de população e depauperamento de raça, levantada agora com a intensidade da força propriamente corporal, convenientemente ministrada aos seus homens, concluiremos que se impõe a necessidade de, a par da moral e da intelectual, colocarmos em nivel de igual cuidado, a preparação fisica.

Este assunto, demais debatido a apregoado por competencias que não são a minha, demonstra, em teoria as necessarias e imprescindiveis vantagens que só se obtêm com uma educação mixta e completa.

São inumeros e variadissimos os «sports»; porem dentre todos eles, um se destaca e se impõe, não só pelo que dele resulta, talvez mais do que em nenhum outro, com o seu adextramento, mas pela facilidade com que o podemos praticar a principio, sem grande dispendio material e fisico—o «sport» nautico.

Temos um belissimo, majestoso, extraordinario e incomparavel rio; e áparte a questão propriamente poetica e admiravel, comercial e industrial que nos oferece, é suficientemente grande para mais nos poder facultar, tendo ali lugar tambem, e em grande escala, o «sport» de que nos ocupamos.

Contudo, a influencia dos cafés, os passeios na rua do Ouro, a exibição de casacos com peitos de algodão, tem um grande numero de adeptos, que preferem de boamente este áquele «sport»; esquecendo-se, no entanto, que uma verdadeira preparação para tornar o homem apto a todas as contingencias da vida, ficará incompleta para aquele que não curar e aproveitar todas as suas aptidões, incluindo a fisica.

Aconselhar os novos e animá-los, mostrando-lhes as vantagens que daí se auferem; instar com os antigos a que continuem, pela propaganda e pela acção, a influenciar os espiritos dos receosos a educar e a conduzir o porventura progresso fisico é uma missão educadora que lhes vai bem; a nós, cabe-nos a tarefa a que nos dedicámos de proximamente, falarmos tecnica e especialmente do «sport» nautico.

Barnave.

O concurso de "Lawn-Tennis" da Primavera

Inicia-se já no proximo domingo, nos «courts» das Laranjeiras o torneio de tennis inter-socios do Club Internacional de Foot-Ball, para preparação dos tenistas do club que deverão concorrer ao Concurso Internacional que se realizará de 18 a 22 de maio. Este concurso está despertando grande interesse e justifica-se, visto que a ele concorrem os nossos campeões em competencia com Flaquer, mademoiselle Rosita Torres e outros tenistas que em breve daremos nota. Ao concurso este ano devem concorrer tambem jogadores franceses e ingleses.

PAPELARIA PALHARES
141, RUA DO OURO, 143
Completo fornecimento de artigos para escritorio, engenharia e desenho.
Canetas com tinta das melhores marcas.
Trabalhos tipograficos em todos os generos.
TELEFONE 842—LISBOA

AS CONFERENCIAS DE HOJE

Protecção a menores

E' hoje que pelas 21,30 horas, se efectua na Sociedade de Geografia a conferencia do sr. dr. Caetano Gonçalves sobre «Serviços de protecção a menores desamparados e delinquentes, em Portugal», conferencia a que devem assistir os srs. Presidente da Republica, arcebispo de Mitilene e os membros do governo.

Raios X

No hospital de Santa Maria realiza-se hoje, ás 21,30 horas, uma conferencia pelo sr. dr. Custodio Cabeça, sobre «Raios X». Têm entrada livre os medicos e os estudantes de medicina.

Vitimas do alcoolismo

Promovida pela Associação Anti-Alcoolica Operaria, realiza hoje, ás 21,30 horas, na Associação dos Correios, uma conferencia a sr.ª D. Maria O'Neill. Versará o tema: «A mulher proletaria é a maior vitima do alcoolismo.

"Empresa Agricola Portugal e Ultramar, Limitada"

Faz-se saber que por escritura de 26 de Abril corrente, celebrada pelo notario Eugenio de Carvalho e Silva, de Lisboa, foi constituida a sociedade comercial por quotas «Empresa Agricola Portugal e Ultramar, Limitada», sob as condições constantes dos artigos seguintes:

1.º—A sociedade adopta a denominação de «Empresa Agricola Portugal e Ultramar, Limitada», constitue-se por tempo indeterminado, contando a sua existencia desde hoje, e tem a sua séde em Lisboa, no Largo de Andaluz, n.º 10.

2.º—A sociedade tem por fim o fomento, a expansão e o desenvolvimento em Portugal continental e colonial dos processos mecanicos de culturas agricolas, podendo representar casas produtoras ou negociantes de maquinismos proprios e propõe-se a adquirir maquinas proprias para esse fim, alugá-las, vendê-las ou a fazer serviços com elas em terrenos de outrem ou proprios e de uma maneira geral tem o fim de auxiliar e aproveitar as intenções e disposições do decreto n.º 6:893 de 6 de Setembro de 1920.

3.º—O capital social é de 30 contos, em tres quotas, sendo duas de 13.500$00 e uma de 3:000$00, pertencentes respectivamente aos socios Raul Antonio Barbosa Viana, Henriq Lehrfeld e Alberto Sanches de Castro, e está todo integralmente realizado em dinheiro, que já deu entrada na caixa da sociedade.

4.º—Todos os socios serão gerentes, sendo obrigatoria a assinatura de dois deles para representação da sociedade em juizo e fóra dele, e para obrigar a mesma sociedade.

5.º—Não ha suprimentos ou adiantamentos á caixa obrigatorios; e os que voluntariamente forem feitos, sê-lo-hão nas condições que então se convencionarem.

6.º—Os lucros e prejuizos são repartidos na proporção das quotas, deduzidos 5 0|0 para reserva legal, e para sua verificação serão dados os competentes balanços em relação a 31 de Dezembro de cada ano.

7.º—A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer dos socios; e no caso de falecimento ou interdição de qualquer deles, a sua quota será paga pelo ultimo balanço que houver sido feito, ou pelo valor nominal dela não o havendo, com os juros acrescidos á razão de 8 0|0 desde o balanço ou na falta deste desde a data da escritura social e com os respectivos suprimentos, se á sociedade convier adquirir essa quota, o que fará certo por qualquer forma escrita aos respectivos herdeiros ou representantes, nos 60 dias posteriores ao conhecimento do evento.

8.º—Não é permitida cessão de quotas ou divisão ou subdivisão de quotas, sem autorização escrita da sociedade, que no caso de cessão tem o direito de preferencia.

§ unico—No caso de herança a subdivisão da quota dar-se-ha independentemente da vontade da sociedade e apenas os herdeiros terão de delegar em uma pessoa só o exercicio dos direitos sociais.

9.º—Nos casos omissos regularão as disposições gerais da lei de 11 de Abril de 1901.

Lisboa, 26 de Abril de 1921.

O Notario,
Eugenio de Carvalho e Silva.

PELAS PROVINCIAS

Em Portalegre

Um julgamento

Portalegre, 26

Respondeu em audiencia de juri, como tinhamos noticiado, a arguida Clotilde dos Remedios Canario, desta cidade, que em dezembro ultimo assassinára barbamente o seu amante Antonio Joaquim Rodrigues, cortando-lhe as guelas.

O juri deu o crime como provado, com todas as circumstancias agravantes, pelo que a referida Clotilde foi condenada em oito anos de prisão maior celular, seguidos de dose de degredo ou na alternativa na pena fixa de vinte e oito anos de degredo em possessão de 1.ª classe.

TAXA MILITAR

Todos os individuos sujeitos ao pagamento da taxa militar (isentos definitivamente e condicionalmente, refractários e com baixa do serviço militar por incapacidade fisica) devem comparecer o mais breve possivel nas repartições de finanças do concelho ou bairro onde residirem, a fim de prestarem as declarações exigidas no art. 225.º do regulamento dos serviços do recrutamento.

REUNIÕES PARA HOJE

Companhia Portuguesa de Algodões, ás 20,30; Operarios do Municipio, ás 21; Montepio Alliança, ás 21; Centro Egas Moniz, ás 21; Gremio Republicano Liberal, ás 20.

Pelo Juizo de Direito da 4.ª Vara Civel de Lisboa, cartorio do escrivão do 3.º oficio dr. Silva Carvalho e nos autos civeis de acção de divorcio litigioso, em que é AUTOR José Dias Ferreira, tambem conhecido por José Exposto, morador na rua Vinte e Quatro de Julho, n.º 40, e ré Elvira Rafael de Jesus, tambem conhecida por Elisa Rafaela de Jesus, moradora na rua Rodrigues de Freitas, n.º 31, loja, desta cidade de Lisboa, foi proferida sentença que fez trausito em julgado, autorisando o divorcio daqueles conjuges, ficando o seu casamento dissolvido.

Lisboa, 28 de Abril de 1921.

O Escrivão do 3.º oficio
Simplicio da Silva Carvalho

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito
Pinto de Mesquita

CONTRIBUIÇOES

Industrial

Termina no dia 30 do corrente mês a entrega, nas repartições de finanças, das reclamações da contribuição industrial de 1920, referente á aplicação do factor de que trata o decreto de 30 de junho de 1911, ás taxas creadas pelo decreto n.º 4.699 de 12 de junho de 1918.

Predial

Termina no dia 30 do corrente mês o pagamento da 2.ª prestação da contribuição predial urbana e rustica do ano de 1920.

Tabacaria Barbosa
Novidades literarias nacionaes e estrangeiras
Jornaes e publicações ilustradas
Telefone 2926-C.
Rua do Carmo, 67

TEATROS

Festas artisticas

No Apolo realisa esta noite a sua festa artistica a gentilissima actriz Justina de Magalhães, uma das mais distintas figuras do genero opereta.

O espectaculo é constituido pelo 2.º acto do «Burro em pé» e pela comedia «Um noivo encravado».

A festejada cantará alguns fados.

—No mesmo teatro tem a sua festa depois de ámanhã o apreciado e distinto actor-cantor José Moraes.

—Prosseguem com toda a actividade sob a direcção artistica de Armando de Vasconcelos os ensaios da encantadora opereta «Sinos de Corneville» que subirá á scena no teatro de S. Luiz, em festa artistica do brilhante actor Henrique Alves. Alem do festejado que desempenha pela primeira vez o papel de «Gaspar» tomam parte os distintos artistas Aldina de Sousa, Beatriz Gouveia e o magnifico baritono Armando Saraiva.

Reclamos

TRINDADE—Como era de calcular, causou a mais agradavel impressão a noticia da reabertura deste teatro, a 3 de Maio, com a estreia duma companhia expressamente organisada para representar a sensacional peça «O Pescador de Perolas».

NACIONAL—A mais popular e querida das peças, o imortal «Amor de Perdição», volta hoje á scena, o que equivale a anunciar outra noite de enorme concorrencia a este belo teatro.

GIMNASIO—Hoje, as pessoas mais distintas da sociedade elegante marcaram «rendez-vous» para este teatro, aonde se realisa a recita da moda, que lhe é dedicada. O espectaculo consta da representação do grande exito teatral da actualidade, a sensacional peça «Negocios são negocios».

AVENIDA—Hoje volta á scena a engraçadissima comedia de «miss» Margaret Mayo, tradução de João Soler, «Chuva de filhos». Na proxima semana far-se-há em recita extraordinaria, a representação da comedia de Feydeau, tradução do dr. Cunha e Costa, «O Pato».

EDEN—E' hoje, finalmente, que sobe á scena, em 5.ª recita de assinatura, a revista fantastica em 2 actos e 11 quadros, «Cêrco ao rei», original de Penha Coutinho, musica de Calderon, Manuel de Figueiredo e Luiz Filgueiras com scenarios e guarda roupa do costumier portuense Jaime Valverde.

SALÃO FOZ—Com as suas duas sessões, sempre cheias, ás 8,30 e 10,30 da noite, bate o «record» da concorrencia em espectaculos publicos. A maravilhosa revista sonho-fantasia «Trólaró», atrai ali meio mundo.

COLISEU DOS RECREIOS—O professor Stevenson é uma autentica celebridade entre os sugestionadores do mundo, pois é o unico que consegue realisar a extraordinaria experiencia de sugestão colectiva: transformação da hora. Stevenson realisa tambem duas impressionantes experiencias de sugestão parcial: o incendio rial dum teatro e a inundação. Stevéson, que é acompanhado nos seus trabalhos por sua esposa mag. Stevenson, fez recentemente em Coimbra um sucesso extraordinario. Efectua-se hoje a primeira apresentação do famoso sugestionador, espectaculo que já era anciosamente esperado.

CARTAZ

Nacional—A's 21, «Amor de Perdição».
S. Luis—A's 21, «J. P. C.»
Ginasio—A's 21, «Negocios são negocios».
Politeama—A's 21, «Paris-Monte Carlo».
Avenida—A's 21,30, «Chuva de filhos».
Eden-Teatro—A's 21, «Cerco ao rei».
Apolo—A's 21,30, «Burro em pé».
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30, «Trolaró».
Coliseu dos Recreios—A's 21, Estreia do professor Stevenson.

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

N.º 12 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 28-4-921

A' BUSCA DA BOA SORTE

Novela por Aquilino Ribeiro

VIII

Pôs o doutor taboleta na sua cidade provinciana, destas terras dormentes e confiadas, com um castelo afonsinho ao alto, ainda actual, ainda apostado a vigiar as portas, e quem vem, quem vai pela campina descoberta com nôjo o faz; além de ignorar o meio, o meio tacanho, de vida mortiça, de tu-cá tu-lá, repugnava ao seu humor de actividade. Os mestres, tambem, a sêde de gloria, o turbilhão de contingentes, tão sedutor para os novos, acenavam-lhe da capital. Mas venceu-se; venceu o animo escrupuloso, incapaz de impôr mais sacrificios ao pai, exausto de recursos, e revêsso a bater á porta d'outrem a pedir o quer que fôsse. Mas assente quedava em sua vontade que no burgo morfanho não demoraria nem mais uma hora além do praso necessario para grangear os cabedais com que prover, na capital, á sua instalação e equipagem.

Meticuloso de geito, trastejou o doutor uma casinha de dois pisos com asseio e propriedade, vestiu a enfermeira da cabeça aos pés de alvo linho, e para a praxi nos suburbios aparelhou um cavalo decente, de bom montar. E, tendo-se anunciado a colegas e boticarios, expedido seus bilhetes de visita a tuti-li-mundi, envergou a blusa branca.

Sem ser credulo nem otimista, contava ele que a fama, adquirida nas escolas, tivesse aldemenos voado até ao seu rincão natal, e que as consultas e chamadas breve tivessem a campainha da sua porta em incessante repercutir. Enganou-se; o cavalinho ruço, semanas e semanas, mascou imperturbavel a ração á mangedoira sem sentir o selim, e as vestes brancas desnevaram sem a elas se amparar o sudario de uma fronte ou ao chapinhar o sangue das cirurgias. A meio do consultorio claro, com as suas mesas de alvo lume, e complexos aparelhos niquelados, debruçado sobre grossos tomos sapientes, ou contraído, ao rumor de passos, na posição de desfechar sobre a morte, o doutor esperou debalde.

Saindo afinal de si e da sua presunção, entrou a estudar o meio. Apareceu em cafés e farmacias, frequentou gremios, ouviu as queixas de matronas e clerigos contra o mundo «que está perdido», borboleteou nas rodas de cavaco pela governação, as mulheres, as poucas vergonhas do proximo, e ficou inteirado.

Para talhar naquele terreno o seu terreno, cheio, até a saturação, de medicos e medicastros, como de todas as demais artes liberais, não era mister saber ou autoridade, mas um concurso de circunstancias, em que entrava desde a côr das luvas á arte com que valsava.

A sua classe apresentava-se-lhe sob aspectos que, por habito de generalisar, fixou desta maneira: a uma banda, os velhos medicos, enraizados no solo, antigos edis ou ainda edis, com fazenda de grangeio nos arredores, respeitaveis sob qualquer ponto de vista, dominando a sciencia, a moral, os acontecimentos do burgo e de fóra do burgo por detraz de suas lunetas graves. Eram os medicos de familia — tinham assistido aos partos da mamã, guiado até o passamento á doença do avô, davam rebuçados aos bébés. Eram quasi de casa, lá vinham a miude tomar o chá e, infalivelmente, nos festins dos aniversarios, nas horas de crise domestica, e sempre que havia grosso boato a boquejar. O credito deles era invulneravel como a honorabilidade. E até os boticarios filisteus, diante deles ou dos *rectifes*, eram timidos e obsequiosos.

A posição deles assentava em rocha; se o seu pulso fôsse susceptivel de audacia, podiam impunemente receitar para homem como para cavalo; podiam despachar almas para o outro mundo que, nem por destempero ou ignorancia, quebrariam o bom renome. Por isso mesmo o acolheram com bizarria, sem mais resguardo que o de cavalheiros bem criados que põem uma certa pausa em abrir os braços, e colegas atentos ao protocolo de não versar a especialidade, que não seja na breve anecdota, expurgada de todo o motivo de controversia, encerrando de lugares comuns tecnicos apenas o que basta para o sainete.

A' outra banda, os medicos novos tinham chegado, e escudavam-se, por um sistema não menos apreciavel de recursos. Cultivavam a politica e a arte de agradar. Pelo partido, tinham-se feito investir do ministerio de clinica em associação de classe ou charanga num cargo publico, num nicho de toda a comodidade. Pela galanteria chamavam, sobretudo, as mulheres, pela razão mesmo de ser o sexo fragil mais andeiro ao concerto.

Trajavam a primor, tinham ainda como nos velhos tempos á sua colecção de gravatas, eram enciclopedicos em belas letras e bons rapazes.

(Continua).

NO ESTRANGEIRO

O AJUSTE DE CONTAS

Vai ser convocada uma nova conferencia inter-aliada

O que se passou na entrevista de Lympne — Os planos economicos e militares que se estudaram — A Alemanha não cumpriu nenhum nos seus compromissos — E' necessario fazer respeitar os direitos dos aliados

PARIS, 28

Cumprindo a sua promessa o sr. Briand deu na terça feira á tarde informações precisas aos deputados na camara, acêrca da sua entrevista com Lloyd George. Lembrou que tinha ido a Hythe para combinar com o primeiro ministro inglês as condições duma conferencia inter-aliada que era necessario convocar, e pô-lo ao corrente dos planos militares e economicos que tinham sido estudados. O sr. Briand disse que essas convocações tinham dado resultados absolutamente satisfatorios. A Alemanha não cumpriu nenhum dos seus compromissos. A comissão de reparações já se reuniu varias vezes para desempenhar o seu papel juridico. A Alemanha tem-se esforçado junto dos neutros, na Suissa, em Roma e noutros sitios para enviar novas propostas por meio dêsses países. Não o tendo podido conseguir dirigiu-se aos Estados Unidos que repeliram essa tentativa com a sua costumada lialdade. Hoje ela dirige-se ao governo dos Estados-Unidos e não aos aliados. Ha dois anos que a Alemanha procura ganhar tempo, mas todas as disposições estão tomadas para se fazer respeitar os direitos dos aliados. —(R.)

Lloyd George parece concordar com o plano francês

PARIS, 28.

A proposito da recente entrevista do sr. Lloyd George e do sr. Briand, em que este expôs ao primeiro ministro britanico os planos de ocupação do Ruhr, o sr. Gouvain escreve no «Journal des Débats» que era bem conveniente que as objecções britanicas, no caso de se darem, se declarassem nesta conferencia particular e não na sessão proxima do Supremo Conselho.

Das informações colhidas resulta que o primeiro ministro britanico concorda com o plano da França, mas deseja antes saber qual o acolhimento que o governo americano reserva ás novas propostas alemãs.—(R.)

CHEGOU NOVO STOCK
—=DE=—
CHAMPAUBRIS
S. Micquot
Grand vin mousseux
UNICO DEPOSITARIO
A. Pereira Nunes
P. dos Restauradores, 13
TELEFONE
C. 3:300

UM IMPORTANTE CONFLITO

A gréve mineira inglesa

Agrava-se dia a dia a crise da industria

Encontravam-se em gréve no dia 15, cêrca de dois milhões de operarios—A quebra da "Triple Aliança"

A industria inglesa atravessava uma crise tremenda e empregava todos os meios para sair dela. O unico meio logico era o barateamento dos produtos para competirem com o estrangeiro no mercado mundial.

E' claro que o trabalhador tinha que sofrer uma diminuição de salarios. Alguns, como os dos caminhos de ferro, tinham salarios moveis que acompanhavam a subida ou descida do preço da vida. A questão da diminuição dos salarios era pois com os outros trabalhadores.

Aos operarios das minas de carvão devia ser feita uma diminuição de salarios, correspondente á diminuição do custo da vida, e mais, que tornando os produtos muito mais baratos, desde a sua origem mais recuada, permitisse aos industriais obter um lugar favoravel na colocação desses produtos. Tanto mais que a industria mineira era aquela que mais fazia sofrer a Inglaterra, assoberbada agora com o carvão americano, que se extrai muito mais rapidamente e com muito menor custo, o que lhe dá um lugar primario no mercado.

Foi por causa deste abaixamento de salarios que estalou a gréve; queriam ainda os proprietarios, que o ordenado fosse estabelecido em relação ao rendimento de cada mina enquanto os operarios exigem um salario nacional.

E' neste ponto que a divergencia tem sido maior. A Federação Mineira que estava falha de recursos para aguentar uma greve, chamou em seu auxilio a União Nacional dos Ferroviarios e a Federação dos Operarios dos Transportes, que com ela formaram a Triple Aliança, uma ameaça constante de paralização geral, em Inglaterra.

A Triple Aliança resolveu começar a sua acção terça-feira; depois passou-a para sexta, esperando um acordo antes disso.

O secretario dos mineiros, Frank Hodje, declarou que os mineiros aceitariam o salario por minas, desde que fosse apenas um acordo temporal e imediatamente julgou terminada a greve. Os mineiros, porem, não concordaram com as declarações do seu secretario, e quando se procuravam entender com as outras organisações da Triple Aliança para resolverem o seu movimento em comum, os delegados dos caminhos de ferro e transportes, afectos á ideia de que já não era necessaria a greve geral, atacaram os mineiros, reconheceu-se que a maior parte dos sindicatos não estava de acordo com a greve e a Triple Aliança ficou desfeita, a primeira vez que ia provar a sua força.

Os mineiros continuam lutando com a falta se meios para levar por diante a greve. Exigem a demissão de Hodje porque, dizem, a sua acção foi-lhes prejudicial

Em todo o caso procuram reatar as negociações, o maior perigo está afastado, e crê-se que da reunião nacional que devia ter-se efectuado ontem, alguma solução se terá resultado.

O numero dos operarios sem trabalho, só até 15 dêste mês, elevava-se já a cerca de 1.700:000. E depois disso já teem fechado inumeras fabricas.

A CONFERENCIA DE LYMPNE

A atitude dos Estados Unidos

Uma moção de confiança ao sr. Briand

(Serviço especial para o Diario de Lisboa)

LONDRES, 28.—O sr. Briand, falando ácerca da conferencia de Lympne referiu-se á atitude dos Estados Unidos dizendo estar absolutamente convencido que esta nação não faria nada sem estar préviamente segura da concordancia dos aliados.

O sr. Briand obteve uma moção de confiança da camara por 424 votos contra 29.

O ministro dos estrangeiros da Belgica disse em Londres que a Belgica necessita de dinheiro imediatamente, e que é necessario que a Alemanha satisfaça os seus compromissos no mais breve espaço de tempo possivel.—(R.).

DE LONDRES

O processo do capitão Muller

LONDRES, 28. — Depuzeram varios soldados ingleses no processo do capitão Muller, comandante do campo dos prisioneiros de guerra de Flavy le Martel, que é acusado de ter maltratado os prisioneiros do campo que dirigia.—(R.).

O censo da população inglesa

LONDRES, 28.—No dia 19 de Junho terão lugar as operações do censo da população inglesa.—(R.).

AS REPARAÇÕES

As novas propostas alemãs

A Alemanha está pronta a pagar, desde já, 1.150.000.000 marcos e 150 milhões em ouro

LONDRES, 28.—As novas propostas de reparações feitas pela Alemanha e publicadas em Berlim, admitem que a Alemanha tem obrigação de saldar a favor dos aliados 50 biliões de marcos em ouro, ou valores correspondentes a esta soma, adaptados á sua capacidade de produção, no total de 200 biliões. Parte do pagamento deve ser feito com recursos colhidos no emprestimo internacional com o juro de 4 0|0 e sob a condição de que as sanções que se tencionavam aplicar não serão postas em pratica. A Alemanha está pronta a pagar desde lá 1.150.000.000 de marcos, em ouro 150 milhões e o restante em notas do tesouro resgataveis dentro de tres meses e de tomar conta da divida aliada á America na medida das suas capacidades. A impressão geral nos meios aliados, em face desta proposta é desfavoravel, porque a comissão delegada da conferencia de Paris tinha fixado o pagamento em 74 biliões de marcos.—(R.).

UMA ETERNA QUESTÃO

"The Morning Post" critica o principio das conferencias

"Era preferivel que a Inglaterra declarasse categoricamente aprovar a determinação da França" de fazer executar o Tratado de Versailles.—A Alemanha procura só ganhar tempo para a livrar de compromissos

LONDRES, 28

O «Morning Post» continua criticando o principio das conferencias, sendo aquele jornal de opinião, que melhor seria que a Inglaterra fizesse uma declaração definit va e categorica na qual declarasse aprovar a determinação da França de fazer executar o Tratado de Versailles. Os jornais de opinião sempre que haja afastamento do Tratado começam a caminhar num terreno perigoso no qual é mais provavel uma discordia entre os aliados, que solução do problema da Alemanha.

Os alemães não fazem senão procurar ganhar tempo, esperando que se produza uma tensão de relações entre a França e a Inglaterra o que a livraria dos seus compromissos.—(R.)

O exercito de Wrangel

Vai ser transportado para a Servia

PARIS, 27.

O estado maior do general Wrangel está tomando medidas para transportar o exercito russo deste general para o territorio da Servia, que está disposta a recebe-lo. Os boatos de rebeldia dessas tropas são inteiramente falsos.—(R.).

Os produtos franceses são os mais apreciados na feira de Beyrut

PARIS, 27.

O sr. David Senator, ministro, chegou a Beyrut no dia 24, acompanhado dos membros do comité francês, para assistir á feira que se realisou naquela cidade, onde estavam representadas as principais firmas francesas. Os visitantes que vieram de terras distantes admiraram a elegancia dos produtos franceses e o seu baixo preço em comparação com outras firmas expositoras de outras nações.

Têm-se realisado importantes transacções.—(R.).

A feira de Paris

O numero de firmas expositoras sobe a quatro mil

PARIS, 27.

A abertura da feira de Paris terá lugar de 10 a 15 de Maio. Esta feira, pela situação geografica central e por outras vantagens que reune esta cidade, promete um grande sucesso.

O numero de firmas expositoras, que em 1920 se elevou a 3.000, excederá este ano 4.000.—(R.).

DR. JOÃO CAMELO
ADVOGADO
Rua Eugenio Santos, 9, 2.º

DIARIO POLITICO

O caso do futuro trio governativo das provincias de S. Tomé, Timor e Guiné, promete dar a uma das proximas sessões do Senado desusada animação. O sr. ministro das colonias apresentará naquela Camara os nomes dos governadores que pretende colocar.

Por seu turno os reconstituintes não aprovarão esses nomes, por entenderem que dois deles devem sair do seu partido.

Como apenas lhes assiste o direito de aprovar ou reprovar as indicações do ministro é provavel que abandonem a sala, o que nada prejudicará o governo, porquanto a falange do sr. Alvaro de Castro está em flagrante minoria no Senado.

Já não sucederia assim se os independentes se unissem aos reconstituintes nessa votação. Mas ha quem afirme que a nomeação do sr. Mesquita de Carvalho para vogal da Junta Colonial não foi feita de animo leve, tendo presidido ao criterio que a determinou certa diplomacia *rusée* que não deixará de aproveitar ao sr. ministro das colonias e consequentemente á estabilidade do governo.

Deve ser finalmente publicada ámanhã no «Diario do Governo» a lista dos proscritos, em virtude do decreto de amnistia, os quais não poderão, durante dez anos habitar na metropole.

A demora na publicação dessa lista tem sido devida á morosidade das informações dos tribunais militares, indispensaveis para a sua elaboração e um pouco tambem a influencias de varias pessoas categorizadas junto do governo, no sentido de restringir o mais possivel o numero dos proscritos. E' mesmo possivul que dos oito nomes já publicados apenas metade venha a figurar no «Diario do Governo».

No primeiro conselho de ministros será apreciado o parecer do general sr. Correia Barreto, acêrca do inquerito ao tenente-coronel sr. Liberato Pinto, como chefe de estado maior da G. N. R.

Independentemente de qualquer outro procedimento do governo, sabemos que tanto o general sr. Pedroso Lima como o sr. Liberato Pinto serão definitivamente afastados dos cargos que exerciam naquela corporação.

Caminho de ferro de Mormugão

Foi autorisada a verba necessaria para a compra de material circulante para o caminho de ferro de Mormugão.

Secretarios das escolas industriais

Foi fixado em 230$00 a subvenção diferencial a abonar mensalmente a todos os secretarios das escolas industriais, a contar do presente mês.

Ultimas Noticias

O Parlamento pelo telefone

Nos Deputados

O novo subsidio aos parlamentares

Já está impresso o parecer relativo ao projecto de lei pelo qual é aumentado o subsidio aos parlamentares. A respectiva discussão deve fazer-se antes de 30 de Junho, mesmo que haja nova prorrogação legislativa.

No Senado

A nova lei que vem melhorar a triste situação dos mutilados de guerra

A's 14,45 alguns senadores conversam e fumam. Com urgencia e dispensa do regimento deve entrar em discussão a proposta de lei, ontem aprovada na outra camara, e que tende a melhorar a situação dos heroes mutilados da Grande Guerra. Esse diploma é redigido nos seguintes termos:

Artigo 1.º—Aos mutilados da guerra a quem foi dada alta no Instituto de Arroios ou outros congeneres antes ou depois de arbitrada a pensão definitiva de invalidos é concedida a ajuda de custo de vida estabelecido no art. 10.º do decreto n.º 7.088, de 4 de novembro de 1920.

§ unico—A's praças de graduação inferior a 2.º sargento é dada a ajuda de custo de 60$00 mensais.

Art. 2.º—Esta lei entra imediatamente em vigor.

Art. 3.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Esta lei vem substituir outra que já havia sido aprovada e que estabelece as seguintes pensões suplementares:

«Para sargento ajudante, com 30 0|0 de invalidez, 19$50. com 40 0|0, 26$00; com 50 0|0, 32$50; com 60 0|0, 39$00; com 70 0|0, 45$50; com 80 0|0, 52$00; com 90 0|0, 58$50; e com 100 0|0, 60$00.

Para 1.º sargento, respectivamsnte, 18$00. 24$00, 30$00, 42$00, 48$00, 54$00 e 60$00,

Para 2.º sargento, respectivamente, 15$, 20$00, 25$00, 30$00, 37$00, 40$00, 45$00 e 50$00.

Para 1.º cabo, 13$50, 18$00, 22$50, 27$00 31$50, 36$00. 40$50 e 45$00

Primeiro marinheiro ou 2.º cabo, 12$00, 16$00, 20$00, 24$00, 28$50, 32$00, 36$00 e 40$00.

Segundo marinheiro, grumete ou soldado, 10$50, 14$00, 17$50, 20$00, 24$50, 28$00, 31$50 e 35$00.

A situação dos oficiais milicianos

A primeira lei a ser apreciada na Ordem do Dia é a que vem tratar da situação dos oficiais milicianos, cujo artigo 1.º a comissão de guerra do Senado modificou assim:

«E' permitido continuar na efectividade do serviço, nas fileiras do exercito, podendo ser licenciados quando requererem ao ministerio da guerra e não façam falta ao serviço da Nação, com todos os direitos, vantagens e regalias que, pela legislação em vigor, são concedidos aos oficiais dos quadros permanentes, aos oficiais milicianos que, tendo estado na efectividade do serviço depois de 7 de agosto de 1914, o requeiram e estejam em determinadas condições».

O Congresso de Coimbra

COIMBRA, 28—(ás 13 e 15)—A' terceira sessão do congresso presidiu o sr. dr. Tiago Sales que historiou a questão dos vinhos do Douro.

O sr. Melo Barreto disse que os homens publicos devem aproximar-se das forças vivas. Referindo-se ao tratado de comercio com a Alemanha opinou que o regime duriense deve modificar-se.

O sr. Xavier da Silva afirmou ser indispensavel que os ministros portugueses se coloquem de pé diante dos estrangeiros.

Falaram tambem os srs. drs. Tiago Sales e Lobo Alves.

O sr. dr. Nuno Simões, defendendo a sua tese sobre os aspectos comerciais da questão do Douro, disse que a esta provincia interessa viver em entendimento perfeito com o comercio exportador de Porto e Gaia.

Envio noticias detalhadas pelo correio. —(Enviado especial).

Padroado do Oriente

Foi mandado inscrever no orçamento do ministerio das Colonias a quantia de 60 mil escudos para as despezas do Padroado do Oriente no futuro ano economico.

"DIARIO DA TARDE"

Reaparece, ámanhã, este jornal, que continua a ser dirigido pelo sr. José Duarte Costa.

Não ha razão para sustos

A' hora de encerrarmos o nosso jornal está a policia de segurança do Estado redigindo uma nota em que se desmente a existencia de um novo *complot* monarquico a que alude o *Seculo* de hoje.

A situação financeira da India

O equilibrio do orçamento

O governador geral da India, com o voto do conselho legislativo, vai fazer a compressão das despezas da provincia, a fim de equilibrar o respectivo orçamento.

O Congresso da Beira

Só se realiza em Setembro

VISEU, 28.—A comissão do Congresso da Beira resolveu ontem pedir o adiamento do Congresso para Setembro.

Melhoramentos na ria e barra de Aveiro

O sr. ministro do comercio trabalhou hoje em sua casa na proposta de lei que apresentará ao Parlamento na proxima segunda-feira, no sentido de nomear uma junta autonoma para cuidar dos melhoramentos a introduzir na ria e barra do porto de Aveiro.

"O Condemnado" em "film"

Depois de ámanhã exibe-se, pela primeira vez, no «ecran» do Salão Olympia, pelas 14 horas, a fita de costumes portugueses «O Condemnado», extraida da peça do mesmo nome e do ilustre dramaturgo Afonso Gayo.

Esta sessão é destinada á imprensa e á critica.

INSPECÇÕES ESCOLARES

Remodelação dos serviços

O sr. ministro da instrução está trabalhando na remodelação dos serviços das inspecções escolares de forma a tornar mais producente a missão desses funcionarios.

Os roubos nos T. E. M.

Na sua residencia na rua do Arco da Graça, 87, foi hoje de manhã preso pelo agente Mira, da policia de investigação, um individuo chamado Francisco Baptista, a quem chamam o *Xico das Pégas*, e a quem acusam de ter sido o receptador de varios roubos cometidos nos Transportes Maritimos do Estado.

Um feto que viajava no estribo

Quando esta madrugada entrou na estação de Campolide o comboio que saira do Rocio ás 0,25 com destino a Vila Franca, foi encontrado sob o estribo de uma carruagem um volume de trapos velhos que causou suspeitas. Desfeito o envolucro misterioso, verificou-se que ele continha o cadaver de uma criança do sexo masculino com nove meses de gestação e que devia ter nascido morta. Ao saber-se do estranho achado, a policia percorreu todas as carruagens do comboio, na esperança de descobrir nalguma passageira a autora da proeza, o que não foi possivel.

O comboio pôz-se novamente em marcha para o seu destino, removendo a policia o feto para a Morgue.

OURO compra por alto preço "A Realidade,, Rua Eugenio Santos,

BANCO COLONIAL PORTUGUEZ

SÉDE: Rua Aurea, 175 a 191 --- LISBOA

SUCURSAIS:

PORTO --- Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO --- Banco Portuguez do Brasil

Telegr.: PROCOLONIA — Telefones: C. 5220-5221

Capital autorizado: Esc. 100.000:000$ Capital emitido: Esc. 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL PORTUGUEZA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a praso em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no país e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.